

A CRIATIVIDADE NA IDADE MAIOR

(...) as artes e a prática da virtude são as armas mais próprias à velhice, as quais devem ser cultivadas em todas as idades. Quando já se viveu o bastante, produzem frutos extraordinários (...)

Cícero¹

INTRODUÇÃO

O envelhecimento demográfico dos países desenvolvidos e a tendência para que esse envelhecimento seja uma realidade global num futuro próximo são alguns dos sérios problemas que se colocam à sociedade contemporânea.

As grandes causas do actual desequilíbrio demográfico da sociedade são, por um lado, o aumento da esperança de vida, resultante da melhoria das condições gerais de saúde, sobretudo no que diz respeito à mortalidade infantil e às doenças epidémicas e por outro, a diminuição da taxa de natalidade, cuja tendência se vem a notar desde a segunda metade do século passado.

A tomada de consciência desta realidade é relativamente recente, mas a atenção dedicada a uma “nova” idade maior mostra-se insuficiente, no sentido da necessidade de a dignificar e de lhe proporcionar condições de vida que conduzam a uma verdadeira integração na sociedade. De facto, o envelhecimento ligado à perda de capacidades físicas e mentais, continua a ser um assunto evitado pela generalidade das pessoas, ao mesmo tempo que se fomenta o culto pela jovialidade da imagem e da atitude, ignorando todo o potencial que a idade “maior” pode oferecer.

Este trabalho pretende reflectir sobre esse potencial, especificamente no que diz respeito ao aproveitamento da criatividade nessas idades, na área das artes performativas e de uma perspectiva artística e, ao mesmo tempo, como sendo uma das múltiplas vias que pode responder positivamente ao envelhecimento, beneficiando a integração e coesão sociais.

¹ CÍCERO, Marco T. (1998), *Catão-o-Velho ou Da velhice*, Lisboa, Edições Cotovia, p. 16.

O trabalho tem em conta esta realidade, não só do ponto de vista demográfico global e português, como se debruça sobre o estudo da criatividade no envelhecimento, através das obras teóricas de referência e dos exemplos “no terreno” – projectos artísticos direccionados a esta idade, reconhecidos como casos de sucesso.

Finalmente, o trabalho de projecto incide sobre a criação da Companhia Maior, uma companhia enraizada na realidade artística portuguesa e formada por artistas com mais de 60 anos, provenientes das diversas vertentes das artes performativas, cuja essência se constitui no aproveitamento da experiência acumulada, na valorização da maturidade, dos saberes forjados e aperfeiçoados ao longo do tempo e do intenso desejo de comunicar desta fase da vida.

CAPÍTULO I

Século XXI, o do envelhecimento

Of all contemporary phenomena this is [the aging of the population] the least doubted, the best measured, the most regular in its effects and the easiest to forecast well ahead, as well as the most influential. Yet it is probably the least known of all

Alfred Sauvy²

Na Roma antiga, a esperança de vida rondava os 18 anos e, no séc. XVII, os 25 (Beauvoir, 1970: 235). A realidade dos nossos dias é bem diferente, com uma média mundial de 67,2 anos, mas com países como o Japão, a América do Norte e quase toda a Europa a ultrapassar os 80 anos (Nações Unidas, 2007). De facto, desde a antiguidade que a esperança de vida não tem parado de crescer e se, há uns séculos atrás, um octogenário era uma excepção extraordinária, hoje essas idades são uma componente de peso, na estrutura social.

<i>Esperança de vida à nascença (anos)</i>				
	2005-2010		2045-2050	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Mundo	65.0	69.5	73.1	77.8
Regiões mais desenvolvidas	72.9	80.2	79.4	85.4
Regiões menos desenvolvidas	63.7	67.2	72.1	76.5
Países menos desenvolvidos	53.4	55.8	65.4	69.1

Fonte: Nações Unidas, 2007 – *World Population Prospects: The 2006 Revision*.

Na segunda metade do séc. XX, a população mundial cresceu quase um milhar de milhão em cada dez anos (*ibidem*), tendo aumentado mais nesse século do que em toda a História da Humanidade. Este crescimento brusco fez que toda a atenção se direccionasse sobretudo para as questões relacionadas com o melhoramento das

² SAUVY, Alfred (1970), *General theory of population*, Basic Books, p. 303.
[<http://books.google.pt>] Consulta realizada em 31 de Julho de 2010.

condições gerais de saúde, como a mortalidade infantil e epidemias (o HIV foi uma das mais mortíferas)³; com o controle da natalidade através da contracepção ou da criação de legislação (como foi o caso da China); com as disparidades na concentração populacional: rural/urbano e interior/litoral; com os fluxos migratórios, na sua maioria por razões políticas e económicas; com as questões de natureza ecológica e de recursos naturais disponíveis; com as alterações na estrutura familiar, com especial enfoque nas que se produziram relativamente ao estatuto da mulher; com os problemas sociais e económicos das sociedades multiculturais e com a globalização (Nazareth, 2009: 11). O envelhecimento das populações que se vinha a sentir, foi, então, praticamente ignorado.

A questão do envelhecimento demográfico e dos seus efeitos no equilíbrio da sociedade global não foi considerado, durante quase todo o século XX, como suficientemente importante para se criarem as condições necessárias à existência de uma pressão mediática. (...) [sem ela] não é possível a transformação de mentalidades (...) (Nazareth, 2009: 12).

De facto, só há muito pouco tempo é que se começou a tomar consciência dos problemas sociais provocados pelo envelhecimento demográfico e a tentar caracterizá-lo, estudando as suas causas e prevendo as suas consequências, num esforço de equilíbrio das gerações em todos os seus aspectos, mas sobretudo no que diz respeito ao mercado de trabalho e sustentabilidade do sistema de segurança social.

Apesar de já nos finais dos anos cinquenta, este fenómeno ter sido considerado por Alfred Suavy como “previsível e irreversível” (Beauvoir, 1970: 235), quase todas as medidas tomadas, durante a segunda metade do séc. XX, tinham como finalidade a melhoria da condição física dos idosos. Criaram-se lares, centros de dia e o apoio domiciliário, como “remédios provisórios que nunca serão uma solução” (Nazareth, 2009: 13) e contudo, a preparação e educação da população para esta realidade está ainda por fazer.

³ Segundo os dados da OMS, o HIV, Human Immunodeficiency Virus, foi isolado pela primeira vez em 1983, apesar de haver notícias da sua ocorrência pontual, desde 1950. Dada a sua longa incubação, só nos anos 70 é que se teve noção do seu carácter pandémico. Hoje em dia, já foi identificado em mais de 200 países e há um total de 33,4 milhões de pessoas infectadas, das quais 67% residem na África subsariana. Em 2007 registaram-se 2,7 milhões de novos casos, sendo que mais de 1000 crianças contraem, diariamente, o vírus. Em 2008, morreram mais de 2 milhões de pessoas devido ao HIV/SIDA.

Mas o envelhecimento das populações não está só relacionado com a longevidade das pessoas. O famoso dilema de A. Sauvy – “croître ou vieillir” – define bem as duas grandes coordenadas desse envelhecimento⁴: ou a população continua a crescer (aumento da natalidade), esgotando os recursos naturais, ou envelhece devendo, então, a sociedade preparar-se para as consequências que daí advêm, especialmente nas áreas sociais e económicas (Bergouignan, 2005: 96). A natalidade tem, assim, um papel fundamental no envelhecimento das populações, sendo que quando ela diminui regista-se um envelhecimento na base da pirâmide de idades, e quando a longevidade aumenta regista-se um envelhecimento no topo. Segundo as previsões “em baixo” da ONU, em 2040, o mundo registará uma percentagem idêntica de mortes e de nascimentos (Nações Unidas, 2007).

De facto, também há mais idosos porque se vive mais tempo, mas é a queda da taxa de natalidade⁵ (sobretudo na Europa, a partir dos anos 70, depois do *baby boom*⁶ dos anos 50, 60) e, conseqüentemente, a desaceleração da taxa de crescimento demográfico, a causa que mais contribui para o desequilíbrio⁷ entre gerações, de algumas sociedades actuais.

Assistiu-se também, durante todo o séc. XX ao declínio da taxa de mortalidade. Começando pelas idades mais jovens, esta realidade alastrou-se a todas as faixas etárias (sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial) e, tal como com a taxa de natalidade, “evolui-se para um modelo que tende a fazer desaparecer as diferenças entre os países desenvolvidos” (Nazareth, 2009: 16). Porém, este comportamento não foi uniforme em todas as regiões do mundo e, nalguns casos, houve mesmo um aumento da taxa de mortalidade, como foi o caso da África Austral devido ao alastramento do HIV/SIDA, ou como na Rússia e Ucrânia, dos anos 90, onde os problemas relacionados com o alcoolismo, afectaram sobretudo os homens

⁴ Para encontrar a idade de uma população é preciso ter em conta a concentração populacional nos vários grupos etários: menores de 14 anos, entre os 14 e os 65 anos e maiores de 65 anos. Assim, uma população jovem será a que tem maior concentração de pessoas menores de 14 anos e uma população envelhecida a que tiver uma maior concentração de pessoas com mais de 65 anos.

⁵ Segundo Nazareth, a variação da taxa de natalidade não se deve só a razões biológicas mas é sim “fruto da acção consciente de milhões de indivíduos que racionalizam as suas atitudes (...) em função do seu modo de vida, do custo da criança, da crescente autonomia entre vida fecunda e vida familiar” (Nazareth, 2009: 16).

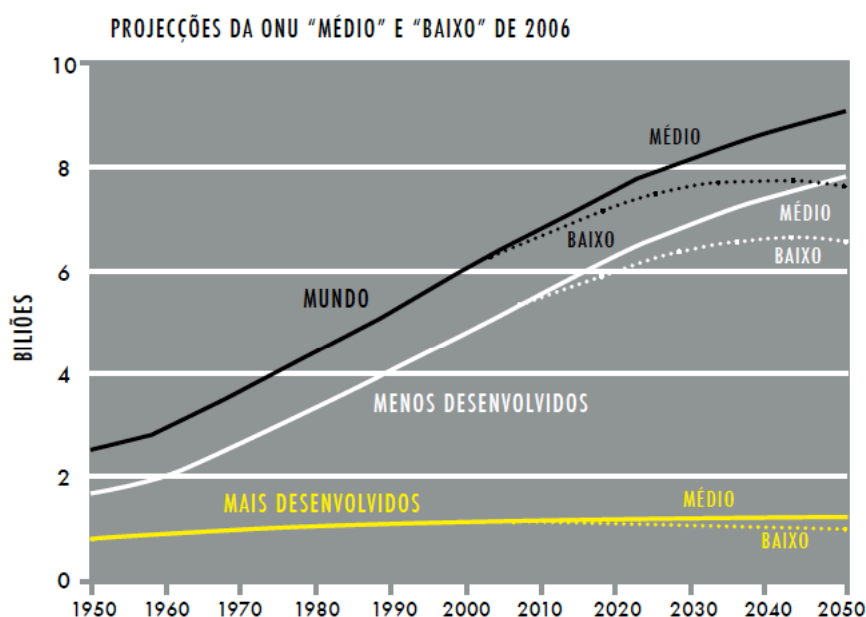
⁶ Esta expressão, *baby boom*, é utilizada quando, num determinado período, a taxa de natalidade sofre um crescimento acentuado e anormal. As pessoas nascidas nessa altura são chamadas *baby boomers*.

⁷ Este desequilíbrio diz respeito à preponderância de certos grupos etários em relação a outros. Não quer dizer que uma sociedade tenha “idosos a mais” (Nazareth, 2009: 14).

(Wilson, 2009: 40). Contrariamente ao que se pensava há alguns anos, onde os peritos acreditavam num “limite biológico” para a longevidade humana, a esperança de vida tem vindo a aumentar consistentemente e não se vislumbram, ainda, sinais de que estejamos perto de o alcançar⁸.

As previsões para os próximos 40 anos, se as tendências em termos de natalidade e mortalidade se mantiverem, são de crescimento demográfico, ainda que se verifique uma desaceleração desse crescimento. Depois de 2050, tudo indica que se registre uma estabilização ou mesmo um declínio.

População Total 1950-2050



Fonte: Nações Unidas, 2007 – *World Population Prospects: The 2006 Revision*.

© Chris Wilson

⁸ Wilson é de opinião de que estas previsões do passado, que davam como certo a estagnação da longevidade, estão na base dos actuais problemas com o financiamento dos sistemas nacionais de pensões. (Wilson, 2009: 41).

As projecções das Nações Unidas, plasmadas neste gráfico, mostram-nos dois cenários possíveis: um de progressão “baixa” e um de progressão “média” e cuja diferença tem a ver com o nível de natalidade. Segundo Wilson, “o futuro mais plausível é de certeza algo idêntico ao cenário de progressão ‘baixa’ ” (Wilson, 2009: 36).

Ao mesmo tempo, são bem visíveis as diferenças de crescimento demográfico entre os países desenvolvidos como a Europa, América do Norte, Austrália, Nova Zelândia e Japão, onde esse crescimento está muito próximo do zero, e os países em vias de desenvolvimento responsáveis por quase todo o crescimento.⁹ Também para estes últimos países se prevê que, por volta de 2040, a taxa de natalidade comece a decrescer, fazendo estagnar o crescimento demográfico, a nível local e mundial.

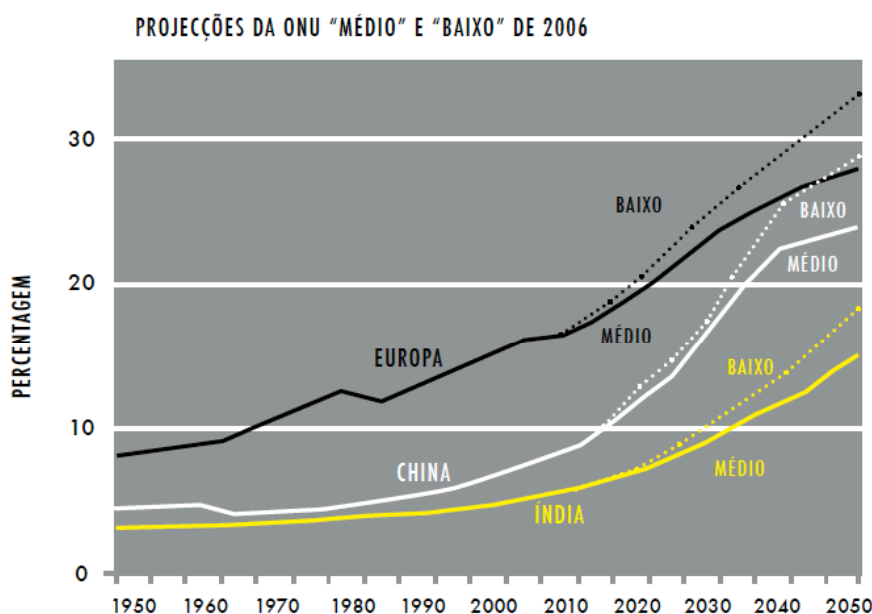
O certo é que, ao longo deste período, a percentagem de idosos irá aumentar rapidamente (Wilson, 2009: 36), fazendo do século XXI o século do “envelhecimento”, em oposição ao século passado que foi de “crescimento”.¹⁰

No gráfico seguinte, pode verificar-se o acentuado envelhecimento da Europa, uma realidade que é já dos nossos dias, e também a projecção de envelhecimento para países como a Índia e a China, em rápida ascensão a partir da década que agora vivemos. De facto, apesar deste processo se ter iniciado na Europa, as regiões que registam um maior envelhecimento (em termos de pessoas com mais de 60 anos) são as da Ásia e do Pacífico, com países como a Indonésia a atingirem um envelhecimento na ordem dos 400% em 2025, a Tailândia 350% e a China 250%. Outros países como o Brasil e o México, e em África o Quénia e o Zimbabué enfrentarão também um envelhecimento muito rápido (Harper, 2009: 81).

⁹ No que diz respeito à natalidade, para se dar uma reposição geracional (uma geração que dê origem a outra da mesma dimensão), é necessário que uma mãe tenha 2,1 filhos. É o chamado “nível de substituição” (ou Índice Sintético de Fecundidade – ISF), abaixo do qual se encontram, hoje, a grande maioria dos países desenvolvidos. As excepções encontram-se na América do Norte e nos países do norte da Europa (Nações Unidas, 2007).

¹⁰ Wilson diz que o rápido aumento da população que se verificou no séc. XX é um fenómeno invulgar, transitório e não sustentável (Wilson, 2009: 39).

Percentagem com idades de 65 ou mais, 1950-2050



Fonte: Nações Unidas, 2007 – *World Population Prospects: The 2006 Revision*.

© Chris Wilson

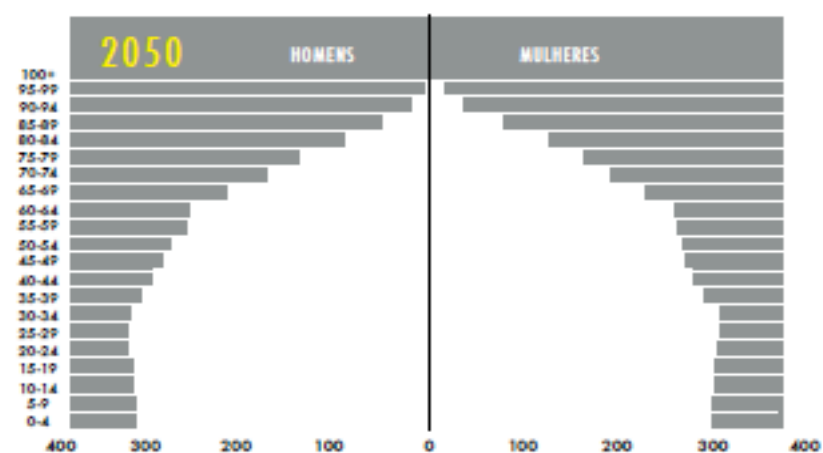
As pirâmides etárias que apresentamos na página seguinte mostram a evolução mundial das várias faixas etárias, numa relação idade/sexo, entre 1950 e 2050. Todas elas são baseadas em dados das Nações Unidas, sendo a última uma projecção a 40 anos, sustentada nas actuais tendências demográficas. De rápida visualização, estas pirâmides mostram bem a evolução do envelhecimento demográfico mundial, através da transformação do triângulo em formas que se assemelham às de um iglu. Estes gráficos dizem respeito a dados mundiais, ou seja incluem países onde as percentagens de envelhecimento ainda não são muito altas, mas se se analisarem as pirâmides referentes às previsões europeias, por exemplo, verifica-se que a forma da pirâmide tem tendência a inverter-se, com um topo mais largo que a base.

Tudo indica que o envelhecimento das populações seja um processo irreversível, mas esse envelhecimento não tem que ser, necessariamente, uma calamidade: “ele só é um problema porque muitas das nossas instituições,

especialmente de índole económica e social, como os sistemas de pensões, não estão devidamente configuradas para lidar com uma população envelhecida” (Wilson, 2009: 35). Sem dúvida que não o é, se pensarmos no limite dos recursos naturais ao nosso dispor e, nesta perspectiva, poderemos mesmo dizer que o envelhecimento demográfico é uma das grandes conquistas das sociedades modernas.

Importa portanto, aceitar o envelhecimento e, conscientes dos constrangimentos implicados, começar a concretizar as mudanças “tanto nas instituições, como nas nossas atitudes em relação à idade” (Wilson, 2009: 48).

Estrutura Mundial Idade/Sexo, 1950, 2010 e 2050



Fonte: Nações Unidas, 2007 – *World Population Prospects: The 2006 Revision*.

© Chris Wilson

Portugal, um dos países mais envelhecidos da Europa

Os países do sul e de leste da Europa são, no início do séc. XXI, os países mais envelhecidos de todo o continente e Portugal não é excepção.

Em 2007, as estatísticas demográficas publicadas pelo INE, anunciavam, pela primeira vez na história recente de Portugal, uma taxa de crescimento natural¹¹ negativa, de -0,01%. Em 2008, e segundo a mesma fonte, essa taxa era ainda praticamente nula. Connosco, no abrandar do crescimento e no envelhecimento populacional, estavam também países como a Itália, Estónia, Alemanha, Roménia, Hungria, Lituânia, Letónia e Bulgária (INE, 2008 e 2009).

Segundo os valores de 2008, a taxa de crescimento efectivo da população Portuguesa foi de 0,09% (0,17% em 2007), não que este valor se deva ao seu crescimento natural, mas sim porque se registou um crescimento migratório de valor igual. Contávamos, então, com 10.627.250 indivíduos dos quais 17,6% eram maiores de 65 anos, 15,3% menores de 15 anos, correspondendo a restante percentagem ao número de pessoas com idades compreendidas entre os 15 e os 65, os potencialmente activos. O rácio de pessoas com mais de 65 anos, relativamente aos jovens com menos de 15 anos, era, então, de 115 para cada 100 (*ibidem*).

De facto, o crescimento populacional em Portugal, nos últimos anos, só tem registado um valor positivo devido à imigração e, se no que diz respeito ao envelhecimento no topo da pirâmide de idades o comportamento demográfico português é muito semelhante ao de outros países da Europa, já no que diz respeito às taxas de natalidade (envelhecimento na base da pirâmide) “as diferenças são muito grandes, tendo apenas paralelo em Espanha, Itália e ex-Alemanha de Leste” (Gaspar, 2009: 64). O aumento de cerca de 2 milhões de habitantes, dos últimos 50 anos em Portugal, coincide, no mesmo período de tempo, com o aumento de um milhão de

¹¹ A taxa de crescimento natural consiste na diferença entre os números de nascimentos e de mortes, registada em percentagem, durante um ano. Difere da taxa de crescimento efectivo, que diz respeito à variação populacional total, registada durante um ano, e onde são levados em conta outros factores como, por exemplo, dados relativos aos movimentos migratórios.

peças com mais de 65 anos e com a diminuição de um milhão de jovens. (Nazareth, 2009: 17).

É assim, com a ausência de jovens e com uma população activa também a envelhecer, que a sustentabilidade do Sistema de Segurança Social é um problema de curto prazo em Portugal.¹² Além disso, numa conjuntura de crise económica mundial e de baixa empregabilidade, “(...) [a população activa] ao não encontrar ‘emprego’ mas ‘trabalho’ tenderá a descontar para si própria em vez de transferir para os mais necessitados socialmente” (Nazareth, 2009: 16).

Numa rápida análise histórica dos dados fornecidos pelo INE, podemos verificar que o crescimento da população portuguesa não aconteceu de forma uniforme, muito embora quase tenha duplicado, durante o séc. XX. Assim, assistiu-se, na primeira década do século passado, a um crescimento considerável, ao qual se seguiu, no segundo decénio, uma descida brusca, na sequência dos efeitos originados pela Primeira Grande Guerra, pela gripe pneumónica¹³ e pela emigração. Entre 1920 e 1940, devido à melhoria dos cuidados de saúde e à redução da mortalidade infantil, a taxa de crescimento populacional volta a crescer. É a partir de 1940, que se começa a sentir a desaceleração do crescimento, e se principia a lenta maturação do envelhecimento da população portuguesa e que, hoje, é já uma certeza. A estes valores não terá sido alheia a taxa de emigração (sobretudo para a Europa), que atinge valores nunca registados na década de 60. Os anos após 1974, dão, temporariamente, tréguas a este decréscimo, com o retorno de população proveniente das ex-colónias, mas que, na década de 80, já não se verificava. De facto, entre 1981 e 1991, Portugal sofre mesmo outro fluxo de emigração. Muito embora menos acentuado do que o que se tinha feito sentir 20 anos antes, acabou, de certa forma, por vir anular o aumento populacional que tinha estado na origem da descolonização. Dos anos 90 até aos nossos dias, o crescimento, apesar de muito fraco, tem sido relativamente uniforme, com a entrada de imigrantes (sobretudo de sexo masculino, em idade activa) e com o aumento da esperança de vida (INE, 2008).

¹² “Com o número de pensionistas a aumentar e a população potencialmente activa a diminuir, garantir a sustentabilidade do sistema de pensões é uma urgência de curto e de médio prazo” (Nazareth, 2009: 167).

¹³ A taxa de crescimento natural foi negativa, pela primeira vez em Portugal, em 1918. A gripe pneumónica foi a culpada destes valores negativos, que só se voltaram a verificar em 2007.

As migrações externas e internas são variáveis de peso a ter em conta na evolução das estruturas demográficas em Portugal. Apesar da sua imprevisibilidade¹⁴ podem “contribuir em certos períodos para inverter ou acentuar tendências: a imigração retarda o envelhecimento e a emigração, acelera-o” (Gaspar, 2009: 54).

Como vimos, há alguns anos que Portugal deve o seu crescimento populacional positivo ao aumento de imigrantes. Este aumento tem vindo a permitir, na perspectiva demográfica, atenuar a falta de jovens e de adultos no activo, adiando os efeitos do envelhecimento. Mas, segundo Nazareth, este benefício é “temporário” e, nesse sentido, “(...) contar com fluxos permanentes de imigrantes para compensar os efeitos do declínio da fecundidade e do aumento da esperança de vida é uma utopia” (Nazareth, 2009: 165). Evidentemente, que também esses indivíduos serão velhos um dia, com direito a reforma, além de que a tendência é a de, também, reduzirem o número de filhos, para valores idênticos aos do país acolhedor, acabando, assim, por contribuir para o envelhecimento geral.

Como afirma Sarah Harper, os movimentos migratórios são uma componente da globalização, tal como a convergência para o envelhecimento populacional, a nível mundial: “O envelhecimento global não é um acontecimento isolado, surgindo, pelo contrário, no contexto da própria globalização, num mundo cada vez mais dominado pelo fluxo de capital humano e económico, para além das fronteiras nacionais” (Harper, 2009: 79).

De alguma forma, o mesmo acontece internamente no contexto das nações e, claro está, no contexto Português, em relação à totalidade das suas regiões. Assim, as estruturas demográficas internas sofrem alterações que não são uniformes para todas as regiões, apesar da dinâmica de convergência que se faz sentir a nível global, ou seja, do envelhecimento generalizado.

¹⁴ Segundo Gaspar, a imprevisibilidade dos dados relativos aos movimentos migratórios tem dificultado a sua integração nos modelos/cenários das projecções demográficas. Adianta ainda que esta dificuldade está, por exemplo, na base dos problemas com o ordenamento do território: “Um PNPT (Programa Nacional de Política de Ordenamento do Território), para uma população que pode encolher nas próximas 4 décadas para 8 milhões de habitantes, é diferente daquele que quer ordenar um território que estabiliza nos 10,5 milhões ou, ainda, daquele que quer manter os níveis demográficos que lhe permitam a sustentabilidade económica e social” (Gaspar, 2009: 53).

Jorge Gaspar, adianta que “as alterações demográficas (...) decorrem de ciclos muito longos e de amplitudes irregulares, cujas determinantes imediatas são predominantemente de natureza económica, política e social” (Gaspar, 2009: 54). Assim, para além dos movimentos migratórios, outros factores como o processo de urbanização, as condições sanitárias, a educação e outros de natureza política e cultural “(...) podem ser significativamente influentes na evolução dos ‘índices de fecundidade’ e na ‘esperança de vida’, podendo até determinar, em dados momentos históricos, os movimentos migratórios” (Gaspar, 2009: 56).

Nas regiões portuguesas, também encontramos, ao longo dos anos, evoluções demográficas díspares, que quase sempre coincidiram com alterações de ordem económica, como as de passagem de uma economia agrária, para uma economia pecuária ou florestal. São exemplos disso, a desertificação demográfica do país, com especial predominância no interior e Alentejo, durante o período dos Descobrimentos e comércio marítimo que deu, maioritariamente, origem a uma pecuária de grandes extensões. Nos anos 60, a forte emigração que se fez sentir, em quase todo o interior do país, provocou o declínio da agricultura vegetal levando a que esta fosse, gradualmente, substituída pela actividade pecuária ou florestal. A descolonização, que fez regressar mais de meio milhão de pessoas, naquele que foi o maior movimento demográfico de toda a História de Portugal, teve, naturalmente, um efeito muito positivo não só no rejuvenescimento da população, como no incremento da economia urbana e rural (Gaspar, 2009: 64, 65).

Apesar das assimetrias regionais, as últimas duas décadas trouxeram, em consonância com o que se passa no resto do mundo, e em especial nos países do sul da Europa, um acentuado envelhecimento populacional, tanto na base como no topo da pirâmide, ou seja, um duplo envelhecimento da sociedade. Mesmo assim, os valores do INE para o ano de 2007, revelavam um crescimento de valor positivo (taxa de crescimento efectivo) para quase todo o país, com excepção do centro, onde foi praticamente nulo, e do Alentejo onde se registaram os únicos valores negativos. O maior crescimento aconteceu na região do Algarve, devido a taxas de crescimento migratório especialmente altas, que compensaram as taxas de crescimento natural, essas sim, bastante baixas. O Centro teve um crescimento efectivo quase nulo, uma vez que à taxa de crescimento natural negativa, que já se vinha a sentir há alguns anos, se juntou uma baixa taxa de imigração. As taxas de crescimento natural e

migratório foram positivas na região Norte, Madeira, Açores e Lisboa, muito embora, as do Norte tenham sofrido um ligeiro decréscimo (INE, 2008).

O quadro que apresentamos em baixo, com dados fornecidos pelo INE, reflecte as evoluções das várias componentes demográficas, por regiões portuguesas, numa comparação entre o ano de 2002 e o ano 2007.

Componentes demográficas, Portugal e NUTS¹⁵ II, 2002 e 2007

	Portugal	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	R.A. Açores	R.A. Madeira
<i>Acréscimo Populacional</i>								
2002	78 125	24 393	14 991	27 742	1 454	7 437	1 192	916
2007	18 480	895	20	14 188	-3 352	4 858	988	883
<i>Saldo Natural</i>								
2002	8 125	9 794	-5 022	6 303	-3 603	-188	395	446
2007	-1 020	2 474	-6 924	6 408	-3 950	219	597	156
<i>Saldo Migratório</i>								
2002	70 000	14 599	20 013	21 439	5 057	7 625	797	470
2007	19 500	-1 579	6 944	7 780	598	4 639	391	727
<i>Taxa de Crescimento Efectivo (%)</i>								
2002	0,75	0,66	0,64	1,03	0,19	1,88	0,50	0,38
2007	0,17	0,02	0,00	0,51	-0,44	1,15	0,41	0,36
<i>Taxa de Crescimento Natural (%)</i>								
2002	0,08	0,27	-0,21	0,23	-0,47	-0,05	0,17	0,19
2007	-0,01	0,07	-0,29	0,23	-0,52	0,05	0,25	0,06
<i>Taxa de Crescimento Migratório (%)</i>								
2002	0,68	0,40	0,85	0,79	0,66	1,93	0,33	0,20
2007	0,18	-0,04	0,29	0,28	0,08	1,09	0,16	0,30

Fonte: INE (2008), Instituto Nacional de Estatística, *Estatísticas demográficas*, 2007.

A composição etária da população portuguesa, do próximo quadro, reveste-se da maior importância na análise da evolução do envelhecimento populacional e das alterações ao equilíbrio entre os três principais grupos de idades: população jovem (<15 anos), activa (15-64 anos) e idosa (>65 anos). Mais uma vez, apresentamos os dados do INE, numa relação entre os anos de 2002 e 2007 (INE, 2008).

¹⁵ NUTS, Nomenclatura Comum das Unidades Territoriais Estatísticas – é uma nomenclatura que define sub-regiões estatísticas em que se divide o território dos Estados-Membros da União Europeia.

Podemos verificar que a população jovem decresce em praticamente todas as regiões, excepto no Algarve e Lisboa, o que se traduz numa diferença de 0,5 pontos percentuais (de 15,8% em 2002 para 15,3% em 2007); a população em idade activa, aumenta muito ligeiramente com excepção do Alentejo; a proporção de população idosa sofre um acréscimo significativo em todas as regiões (de 16,7% em 2002 para 17,4% em 2007), excepto na Região Autónoma dos Açores, onde se verificou uma ligeira diminuição. Em 2008, a percentagem de jovens manteve-se nos 15,3% mas a de idosos sofreu um novo aumento para 17,6% (INE, 2008 e 2009).

***População residente por grandes grupos etários,
Portugal e NUTS II, 2002 e 2007***

	Portugal	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	R.A. Açores	R.A. Madeira
<i>População jovem (0-14 anos)</i>								
2002	1 645 753	630 886	346 625	412 490	103 567	57 815	49 241	45 109
2007	1 628 852	593 048	335 161	444 154	101 158	64 848	46 437	44 046
<i>População em idade activa (15-64)</i>								
2002	7 026 170	2 529 739	1 544 451	1 872 283	490 516	266 405	158 997	163 800
2007	7 138 892	2 580 689	1 565 352	1 888 986	485 099	281 041	167 341	170 384
<i>População idosa (65 e mais anos)</i>								
2002	1 735 542	531 293	463 554	429 884	173 915	74 144	30 524	32 345
2007	1 849 831	571 499	485 398	475 274	174 676	80 497	30 228	32 259

Fonte: INE (2008), Instituto Nacional de Estatística, *Estatísticas demográficas*, 2007.

Perante este duplo envelhecimento da população portuguesa e as grandes transformações demográficas, que são já uma certeza do século XXI, “(...) é necessário rever as estratégias e os instrumentos de desenvolvimento e ordenamento do território [Portugal]”, diz Jorge Gaspar (Gaspar, 2009: 68).

De facto, muitas das grandes medidas económicas e sociais, seguidas nos últimos anos, parecem contrárias ao bem-estar de uma população que envelhece. Exemplos disso são, por exemplo, as grandes superfícies comerciais onde, longe dos centros urbanos, só se chega de carro, em detrimento do comércio local, mais acessível a uma população idosa.

O mesmo acontece com a implementação de centros de negócios e parques tecnológicos nas zonas suburbanas, localizados segundo os acessos da rede de auto-estradas, e mais uma vez pouco adequados a postos de trabalho preenchidos por

peessoas mais velhas, em vez de se investir no emprego localizado, em função da rede de transportes públicos, ou mesmo de distâncias que se possam percorrer a pé.

Seguindo a mesma ordem de ideias, será necessário repensar as políticas residenciais das cidades para que se desenvolvam novas centralidades. Os centros históricos das cidades, despovoados e onde se encontra, actualmente, a maior concentração de idosos (sobretudo mulheres sós e com fracos níveis de rendimentos), precisam de criar condições, para que voltem a ser pólos de atracção populacional e de convívio inter-geracional.

Tal como os centros históricos, os diversos bairros sociais, normalmente localizados nas periferias, são áreas urbanas sensíveis, de grande concentração multicultural e que requerem intervenções de fundo; as políticas da habitação precisam, igualmente, de ser redesenhadas no sentido de enquadrar não só os mais velhos e facilitar o relacionamento entre gerações, como incluir as necessidades dos novos formatos das estruturas familiares.

A realidade da “rua”, como espaço público por excelência, necessita de ser melhorada, não só no que diz respeito à sua faceta como via de circulação (onde, por exemplo, os passeios se devem adequar à circulação de idosos), como no que diz respeito à sua faceta de espaço de convívio e encontro, que importa propiciar.

O sistema de transportes públicos é outra das áreas a reestruturar, no sentido de proporcionar um maior conforto do utente idoso, mas também uma rede e percursos mais adequados às suas necessidades de deslocação.

Na economia, e para além das medidas que garantam a sustentabilidade do sistema de pensões, será necessário definir e redesenhar, de forma desassombrada, os segmentos mais propícios à actividade dos mais velhos, ajudando na sua integração, mas tomando as devidas precauções que isso não se transforme numa *guetização*.

Ao contrário do que tem sido feito em relação aos jovens, a agricultura, é uma área onde pouco ou quase nenhum incentivo tem sido dado à população idosa, num claro desperdício de um contributo relevante para a economia e de satisfação pessoal.

Outra das estratégias diz respeito à adequação das infra-estruturas de solidariedade social e rede de equipamentos de cuidados primários, espalhadas pelo país, que importa estejam distribuídas geograficamente e equipadas de meios técnicos e humanos, com capacidade para darem resposta ao crescente número de idosos.

Por último, tendo a mulher uma representação maioritária no grupo de idosos, é fundamental que o Estado crie condições para que, em áreas onde a tradição cultural a tenha subaproveitado, a sua presença deixe de ficar minorizada (Gaspar, 2009: 69-74).

“Naturalmente que as áreas da solidariedade social, da cultura e da educação, constituem as mais vocacionadas ou, pelo menos, aquelas onde a inserção do potencial activo das populações idosas é mais fácil de efectivar” (Gaspar, 2009: 69).

Outra das grandes questões que se colocam em relação à idade, diz respeito à divisão etária formal e, mais especificamente, à divisão utilizada para os idosos. Neste sentido foi da maior importância a alteração introduzida pelas Nações Unidas, no início deste século, que subdividiu as três grandes faixas etárias existentes até aí:

jovens 0-14 anos: bebés 0-4 anos; crianças 5-14 anos.

idade activa 15-64 anos: adolescentes 15-19 anos; jovens 20-24 anos; jovens activos 25-44 anos; velhos activos 45-65 anos.

idosos 65 e mais anos: reforma precoce 65-74 anos; reforma tardia 75-85 anos; velhice 85 e mais anos (Nazareth, 2009: 174).

Esta alteração, para além de fazer com que a linguagem técnica fique mais próxima da realidade social, tem repercussões estratégicas na forma como se pensa o envelhecimento, desde logo, porque deixa de se olhar para a faixa de pessoas com mais de 65 anos, como um todo homogéneo, passando a realçar as diferenças (algumas com 20 anos de diferença) e que são, sobretudo, diferenças do potencial de actividade. Distingue-se, assim, a idade da velhice (>85 anos), com os seus problemas específicos, dos “falsos velhos”, como lhes chama Nazareth. Além disso, esta subdivisão vem ajudar a redimensionar as idades da reforma com claros benefícios para o Sistema de Segurança Social: “(...) será na diminuição da amplitude do grupo dos ‘falsos velhos’ que se poderá encontrar o equilíbrio do Estado Social” (Nazareth, 2009: 175).

Les sociétés contemporaines, offrent un curieux paradoxe: jamais les personnes âgées n'y ont été aussi nombreuses et leur prise en charge assure

*alors que dans le même temps, les représentations sociales de la vieillesse restent absentes ou dévalorisantes.*¹⁶

Para além destas estratégias perante o envelhecimento, que se consubstanciam, desde logo, num longo caminho a percorrer, seguramente, que outras haverá. A sua adequação terá, também, que ir sendo corrigida, à medida da real evolução demográfica. Mas é sobretudo, em relação aos preconceitos e mitos sobre o envelhecimento, que é necessário um verdadeiro esforço de alteração de mentalidades, fazendo emergir um novo paradigma, para a forma como se olha e se vive esta fase da vida.

¹⁶ Intervenção de Jean Luc Le Mercie, realizada na IPEG – École Supérieure de Commerce (Paris, Nice), 1º semestre 2008-2009 – *Culture générale – La Démographie*.
[http://concoursredacteur.files.wordpress.com/2009/08/a-intervention-culture-generale_la_demographie.pdf] Consulta realizada em 31 de Julho de 2010.

CAPÍTULO II

Sobre o envelhecimento

(...) je suis la demeure de la future vieillesse.

Simone de Beauvoir¹⁷

O envelhecimento é dos temas mais universais da humanidade e, contudo, talvez o mais evitado pelas sociedades contemporâneas. “La vieillesse est un secret honteux et un sujet interdit. (...) C'est pourquoi il faut briser la conspiration du silence.” diz Simone de Beauvoir, em 1970 (Beauvoir, 1970: 13). Associado à decadência física e psíquica, à tristeza, à solidão, à pobreza, ao afastamento da vida activa e dos centros de decisão políticos, económicos e sociais é uma fase da vida que ninguém deseja. Numa sociedade que premeia a produtividade e onde as pessoas valem pelo que fazem, “existe uma recusa explícita do envelhecimento e uma representação social da velhice como um tempo de dependência e segregação”: aos mais velhos estão destinados os lazeres, os serviços e os cuidados mas só os que a sociedade lhes define e lhes permite (Dias, 2005: 250). Por sua vez, este comportamento que priva os idosos de estatuto, poder e controle sobre as suas próprias vidas gera um sentimento de culpa generalizado e, apesar do evidente envelhecimento das populações, sobretudo na Europa e no Japão, envelhecer continua a ser uma tarefa difícil e também uma fase da vida sobre a qual se prefere não falar.

Cícero, 44 anos a.C. e um ano antes de morrer, define as quatro razões para a ideia de infelicidade que acompanha a velhice: 1) porque nos afasta da vida activa; 2) porque debilita o corpo; 3) porque impede o desfrutar de quase todos os prazeres; 4) porque está próxima da morte. Apesar de na sua obra *Catão-o-Velho ou Da Velhice*,

¹⁷ BEAUVOIR, Simone de (1970), *La vieillesse*, Paris, Éditions Gallimard, p. 7.

Cícero tentar, ponto por ponto, rebater estas ideias, o facto é que elas são ainda, dois mil e quinhentos anos depois, estranhamente actuais (Cícero, 1998: 19).¹⁸

De facto, os sinais que hoje recebemos sobre a vivência do envelhecimento são contraditórios: se por um lado podemos esperar viver até cerca dos 80 anos por outro, todos os dias nos chegam notícias de horror sobre a vida nos lares de idosos, sobre a solidão que sofre uma grande maioria, sobre a violência a que estão sujeitos, as escassas reformas com que sobrevivem e a condição de supérfluos a que são votados.¹⁹

Vivemos numa sociedade da imagem à qual o envelhecimento não escapa: “Cultural stereotypes, pop cultures and media reinforce in a youth orientated society – young is beautiful” (Sijuwade, 2009: 2). Devemos, a qualquer custo, parecer jovens, sem que isso queira necessariamente dizer ter mais saúde física e mental ou sentirmo-nos mais realizados. Atrás dessa imagem, escondem-se muitas vezes histórias desumanas e as verdadeiras necessidades desta fase da vida.

A escola espelha a sociedade e, preocupada com a produtividade da nossa vida adulta, falha na orientação dos momentos cruciais da existência humana ignorando as crises da adolescência, as funções de pais e de mães e a preparação para a velhice.

Desde os tempos mais remotos que o envelhecimento é sobretudo uma inquietação pontual de alguns pensadores e de cada indivíduo *per si* perante a

¹⁸ Para além de Cícero, o tema do envelhecimento foi, na antiguidade, abordado por muitos outros filósofos e pensadores bem como pela tradição oral, como no caso da Bíblia e da mitologia. Aqui, referimos alguns desses autores e as respectivas obras, tanto da civilização oriental como ocidental:

Civilização Oriental: Lao-Tsé (604-531 a.C.), *Tao-te King – Livro da razão suprema e da virtude*, China; Confúcio (551-479 a.C.), *Analectos de Confúcio*, China.

Civilização Ocidental: Ptah-hotep (c. de 2.500 a.C.), *Ensinamento de Ptah-hotep*, Egipto; Sócrates (469-399 a.C.) através de Platão (384-322 a.C.), *A república*, Grécia; Aristóteles (384-322 a.C.), *Ética a Nicômaco*, *Retórica*, Grécia; Hipócrates (460-370 a.C.), *Corpus hippocraticum*, Grécia; Séneca (20 a.C.-65 d.C.), *Cartas a Lucílio*, Roma; Galeno (129-199 d.C.), *Gerocomica*, Roma.

(Beauvoir, 1970: 97-135)

¹⁹ Em Portugal, os dados relativos a crimes praticados contra pessoas idosas, fornecidos pela APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima), demonstram um aumento de 20,7% de pessoas que recorreram a esses serviços entre 2007 e 2008, passando de 656 a 792 ocorrências.

Nestes dados foram consideradas as vítimas com mais de 65 anos sendo que no ano de 2008 a incidência quanto ao género foi de 643-feminino, 147-masculino e 5-Ñs/ñr.

A grande maioria dos crimes foi praticado em ambiente doméstico e disseram respeito a maus-tratos físicos e psíquicos, ameaças, coacção, difamação e injúria.

Relativamente ao total de crimes perpetrados contra pessoas idosas, entre 2007 e 2008 verificou-se um aumento percentual na ordem dos 19,4%, tendo passado de 1245 crimes para 1487.

© APAV 2009 – Unidade de Estatística

[<http://www.apav.pt/portal>] Consulta realizada em 31 de Julho de 2010.

proximidade da morte, mas nunca como hoje, e tendo em conta as previsões demográficas mundiais, foi tão urgente encará-lo como tema global das sociedades.

Apesar de ao longo da história, a religião e a filosofia terem ensaiado várias respostas para os mistérios da vida/morte, o processo de envelhecimento foi também um assunto presente da medicina. Muito embora, até ao séc. XV, estes estudos não tenham passado de tratados de higiene – *Gerocomica* de Galien (séc. II) ou *Gerontocomie* de Zerbi (séc. XV) – como refere Simone de Beauvoir (Beauvoir, 1970: 24-25), é só nos séculos seguintes que o interesse pela anatomia leva a considerar o corpo como uma máquina (que se degrada com o tempo) e conduz, no início do séc. XX, ao aparecimento da geriatria como disciplina dentro das ciências médicas, criada pelo americano Ignatz Leo Nascher²⁰ (Beauvoir, 1970: 29).

Pouco depois, na década de trinta do século passado, a experiência emocional e social do envelhecer é considerada matéria de estudo da psicologia e da sociologia. São dados os primeiros passos no sentido de evidenciar os múltiplos aspectos inerentes ao envelhecimento, ao mesmo tempo que se começa a desmascarar o entendimento unívoco dessa fase da vida. Envelhecer, sendo um fenómeno universal intrínseco à vida humana, deixa de ter um formato único, para se começar a aceitar a sua heterogeneidade e as várias maneiras singulares de o viver.

Em linha de conta entram, então, temas como o relacionamento com o corpo, saúde e sexualidade, as relações familiares e geracionais, a actividade profissional e o direito ao repouso, a actividade social e a solidão.

Nas sociedades contemporâneas, o progressivo aumento da esperança de vida e a previsão de envelhecimento demográfico mundial (ver Capítulo I) veio criar a necessidade de uma nova abordagem das concepções existentes desta fase da vida,

²⁰ Em 1909, Ignatz Leo Nascher, pediatra americano nascido em Viena, introduz o termo Geriatria no vocabulário da medicina e em 1912, funda a Sociedade de Geriatria de Nova Iorque. A Geriatria, como ramo da medicina, dedica-se ao diagnóstico, tratamento e reabilitação das enfermidades dos mais velhos.

Nascher diz que a senilidade “is a distinct period of life,(...) a physiological entity (...) a period of life where degeneration and decay are natural and physiological (...) Senility and its diseases should be considered apart from maturity and assigned to a separate place in medicine” (Ozarin, 2008).

Por sua vez, a Gerontologia, considerada uma ciência desde os inícios de 1900 (quando Ília Metchikoff, cientista russo, ganha o prémio Nobel, em 1904), só adquiriu estatuto académico na década de 50. É uma ciência, de carácter multidisciplinar, que se dedica ao estudo do processo de envelhecimento na sua totalidade. Os principais ramos da Gerontologia são: a Gerontologia biológica ou experimental; a Gerontologia cultural ou gerocultura; a Gerontologia ambiental e a Gerontologia médica ou Geriatria.

tanto no relacionamento da sociedade com esta faixa etária, como na atitude de cada um perante o seu próprio envelhecimento.

Com que idade se é velho no século XXI? Esta fronteira tão bem limitada no séc. XX, a da idade da reforma, desmorona-se com as novas expectativas de vida.

A ideia de que as sociedades em que vivemos estão a adaptar-se a uma nova estrutura etária implica uma atenção redobrada a esta faixa crescente da população, cujas vivências têm que ser mantidas (mais do que integradas) na vida activa e criadora. Em 2050, nos países industrializados, o número de idosos obrigará a que se encontre uma nova denominação para abranger estas camadas às quais deixou de aplicar-se o verso célebre de Dante: “o meio do caminho da nossa vida” já não serão os 35 anos, mas, mais que previsivelmente, os 45 – porque a expectativa de vida terá crescido até aos 90 anos de idade.²¹

Hoje, a sociedade exige que as pessoas se mantenham jovens, transferindo para cada um a responsabilidade da construção do seu próprio envelhecimento. A vivência de uma velhice activa, com saúde, sem solidão é obrigação quase exclusiva de cada um, sendo que a sociedade, estruturalmente mais instável, cumpre com os mínimos passíveis de assegurar uma atitude politicamente correcta, mas falha em reconhecer no velho um sujeito útil à sociedade e capaz de exercer os seus direitos/deveres de cidadão. De facto, a presença do idoso é quase ignorada na estrutura social, no que diz respeito à sua participação activa nas políticas públicas, na produção de riqueza e de bem-estar do nosso dia-a-dia.

Em 1961, Elaine Cummings e William Henry, numa obra intitulada *Growing old: The process of disengagement*, formularam a teoria do “disengagement”²² que preconiza o mútuo afastamento entre o idoso e a sociedade e uma progressiva diminuição de interacção entre ambos, à medida que a idade avança. O envelhecimento, segundo estes autores, não pode ser entendido fora do contexto social onde é vivido, e as escolhas de vida de cada um são também formatadas e resultado dessas influências. (Lindauer, 2003: 4).

A velhice é genericamente olhada como uma fase da vida em que se perde produtividade. Neste sentido, uma sociedade como a nossa que dá primazia a níveis

²¹ Excerto do texto de António Mega Ferreira, para o dossier de apresentação da Companhia Maior - ANEXO I.

²² “Disengagement” pode aqui ser traduzido por “separação”, “afastamento” ou “perda de contacto”.

de resultados e de eficiência tende a considerar os idosos como entraves ao desenvolvimento, afastando-os não só de locais de produção como também de decisão.²³ Por outro lado, o próprio processo de envelhecimento acarreta factores de ansiedade (problemas económicos e de saúde, as debilidades sensoriais, os medos da deterioração física e mental, o confronto com a morte de entes queridos e a proximidade da sua) que originam o afastamento do idoso de sentimentos e pessoas, numa atitude de auto-protecção.

Esta visão determinista e negativa sobre o envelhecimento, onde o saldo está invariavelmente do lado do infortúnio, aliás como em muitas outras teorias formuladas na última metade do século passado, são a base de estereótipos ainda bem presentes nas nossas sociedades contemporâneas que, como Martin S. Lindauer diz, “fails to challenge the presumed disadvantages of aging, which are taken for granted, ignores alternatives, and slights benign possibilities” (Lindauer, 2003: 5).

De facto, a psicologia quase sempre optou por uma orientação negativa, não só relativamente ao envelhecimento como a muitos outros temas e, só no limiar do séc. XXI, pelas mãos de Martin Seligman e Mihaly Csikszentmihalyi é que surge a psicologia positiva, como novo paradigma de investigação. Esta, foca a sua atenção nas forças em detrimento das fraquezas, afastando-se assim da patologia clínica, para se apoiar nas capacidades de resiliência do ser humano (Seligman, Csikszentmihalyi, 2000).

Mesmo assim, esta nova abordagem não é completamente original já que desde a segunda metade do século passado que, no âmbito da gerontologia, se ensaiaram novas visões sobre o envelhecimento. Em 1961, R. J. Havighurst, num artigo da revista *The Gerontologist*, propõe o conceito de “successful aging”²⁴ que define como a necessidade de “dar mais vida aos anos” (Bearon, 1996). Erdman Palmore vem, em 1995, numa entrada da *Encyclopedia of Aging*, acrescentar que uma definição abrangente de “boa velhice” ou “velhice bem sucedida” teria que,

²³ “Tradicionalmente, associamos a velhice ao esgotamento do potencial da força de trabalho e entendemos que lhe corresponde um merecido descanso do esforço desenvolvido durante a vida activa. Sendo uma visão compreensível, na perspectiva do esforço físico que predomina nas sociedades industriais e agrárias, torna-se, no entanto, quase paradoxal nas sociedades em que se valoriza mais o conhecimento e a experiência” (Silva, 2009: 27).

²⁴ Que pode ser traduzido por “boa velhice” ou “velhice bem sucedida”.

necessariamente, levar em linha de conta a longevidade e a saúde mas também a satisfação, numa atitude de envolvimento activo com a vida (Palmore, 2002).

Em 1999, um estudo de Elizabeth Gould vem derrubar um dos grandes mitos sobre o envelhecimento, ao conseguir provar que o cérebro humano continua a produzir novas células durante toda a vida (Gould, 1999). Parte-se, assim, para a possibilidade de, nas idades avançadas, se poder continuar a melhorar as capacidades cognitivas e de memória, para o que muito contribui uma aprendizagem ao longo da vida, os desafios mentais, a saúde em geral e em especial a cardiovascular, o comprometimento com um trabalho útil que origine satisfação, o treino da memória, uma prática relacional de qualidade e o apoio social.

Mas este conceito de “velhice bem sucedida” não passou sem polémica, e muitas foram as vozes críticas sobretudo no que diz respeito à culpabilização implícita dos que, por diversas razões, não conseguem alcançar esse sucesso. Outros, apontaram o dedo aos que, na busca dessa velhice ideal, escolhem comportamentos baseados em critérios próprios das gerações mais novas, muitas vezes pouco compatíveis com as suas idades. O declínio natural da idade não deve, então, ser negado, mas sim perspectivado num quadro de compromisso de equilíbrio entre os aspectos negativos e positivos do envelhecimento.

As questões que, na nossa opinião, necessitam de resposta, prendem-se com a quase exclusiva responsabilidade de cada um nessa construção (já referida anteriormente) e, consequentemente, sobre que intervenções e políticas públicas se devem implementar no sentido de ajudar a promover o envelhecimento bem sucedido.

Neste trabalho debruçamo-nos sobre a criatividade como parte da resposta a esta questão. Curiosamente, as actividades criativas raras vezes são consideradas nos estudos científicos sobre o envelhecimento, apesar de a criatividade ser referida genericamente por Seligman e Csikszentmihalyi, como uma das formas mais significativas de transformação positiva do funcionamento humano (Seligman, Csikszentmihalyi, 2000).

A terminologia utilizada como “velho” ou “idoso”²⁵, reporta muitas vezes para um tratamento preconceituoso e estigmatizante que, tal como certos termos referentes à raça ou ao género, têm o efeito de marginalizar²⁶. Aliás, a raça e o género já adquiriram, por parte da sociedade, uma consciência que falta ainda conquistar para o tema do envelhecimento. “Prejudice has a way of sustaining itself; when it can’t be prescriptive, it can always be patronizing”, diz-nos McCracken (McCracken, 1998: 17). No nosso dia-a-dia, aceitamos sem problemas comentários como: “velho gaiteiro”, “tem a mania que é jovem”, [o teatro] “tem um público envelhecido”, e tantos outros, mais ou menos subtis, que impõem por um lado a não inscrição e por outro, a obediência a regras de conduta pré-estabelecidas, às quais o idoso se deve cingir.

Este sentimento subjacente à sociedade, de contornos discriminatórios em relação à velhice conduz, numa atitude reactiva, à invenção de termos como “sénior”, “terceira idade” ou “idade madura”. Estes, podem querer esconder uma realidade ou serem eufemismos, como muitos autores defendem, mas são também, na nossa opinião, maneiras de amaciar a agressão das formas de verbalizar um conceito que já iniciou a sua evolução.

Assim, também nós optamos por chamar “maior” a esta fase da vida, uma vez que, para além de coincidir com o nome dado ao projecto artístico/criativo de formação de uma companhia que será, aqui, o nosso estudo de caso – a Companhia Maior, quisemos usar uma terminologia que não deixasse dúvidas sobre o nosso posicionamento perante o envelhecimento.

²⁵ “According to Adam Schaff, language is a social product as well as a genetic phenomenon and is functional to human praxis. (...) it is not only an instrument for the expression of meaning, but also the material which goes to form meaning and without which meaning could not exist” (Cobley, 2001).

²⁶ Tal como “preto”, “judeu” ou “mulher”, a terminologia não é por si só preconceituosa, dependendo do contexto e da intenção com que é usada.

A criatividade na idade maior

(...) old age that adds as it takes away.

William C. Williams²⁷

Tal como nas teorias sobre o envelhecimento, também a criatividade na idade maior é vista sobre duas perspectivas opostas: a tradicional que vê a criatividade como sendo uma qualidade própria da juventude, e a que aposta na continuidade e até na valorização das aptidões do ser humano, ao longo de toda a sua vida.

A primeira debruça-se quase exclusivamente sobre o declínio físico e mental e conclui que o resultado só pode ser o da progressiva perda de competências criativas. A que privilegia a continuidade, realça qualidades como a sabedoria e a maturidade, que podem dar azo a um maior domínio sobre as emoções, a uma maior capacidade na superação de perdas, ao desinteresse pela ambição e ao desejo da liberdade da auto-expressão.

There can be at least two “Golden Ages” in a lifetime: one Golden Age of youth; the second Golden Age can be the one of retirement, which is based upon a wealth of experience and a wealth of freedom and of time to think and to create (Taylor, Sacks, 1981).

Em 1999, Becca Levy e Ellen Langer definiram criatividade na *Encyclopedia of Creativity* como sendo “the ability to transcend traditional ways of thinking by generating ideas, methods, and forms that are meaningful and useful to others. It exists on a continuum both within and between individuals” (Levy, Langer, 1999). Esta tentativa de definição carece, como aliás muitas outras, de consenso académico e o tema da criatividade continua a ser controverso, sobretudo no que diz respeito aos seus atributos fundamentais, como a imaginação, originalidade, invenção ou a organização.

²⁷ WILLIAMS, William Carlos, *Catholic Bells*, William Carlos Williams, Selected Poetry. [<http://xroads.virginia.edu/~ma05/dulis/poetry/Williams/williams2.html>] Consulta realizada em 31 de Julho de 2010.

Na difícil tarefa de estudar a criatividade muitos ligam-na à produtividade, elaborando longas listas de obras, com referência aos seus autores e respectivas idades. Daqui continuam a emergir perguntas para as quais não se encontram, ainda, respostas satisfatórias: Somos todos criativos? A criatividade nasce connosco, ou aprendemo-la? Como se relaciona com a inteligência? Que tipos de criatividade existem? Ela cresce, mantém-se ou diminui com a idade?

Pese embora a quantidade de questões, Lindauer é de opinião que a criatividade gera mecanismos que conduzem a uma maior percepção, à aquisição mais rápida de conhecimentos, a um raciocínio mais eficaz e logo a uma maior facilidade na tomada de decisões, ao recurso a uma gama mais vasta e original de pensamentos, de associação de ideias e de produção de imagens (Lindauer, 2003: 20).

A criatividade foi, durante muito tempo, considerada obra de musas e de deuses, manifestando-se em apenas alguns eleitos – os génios, artistas e pessoas com talentos especiais. Era um produto exclusivo das habilidades inventivas extraordinárias de uma minoria.²⁸

A ideia de que a actividade criativa faz parte integrante do processo cognitivo, e portanto está acessível a qualquer pessoa, foi formulada por Martin Bink e Richard Marsh, em 2000, argumentando que todos os processos cognitivos, fossem eles criativos ou não, incluíam um trabalho de memória, velocidade na aquisição da informação, fluência perceptiva, escolha criteriosa de conceitos relevantes e muitas outras acções presentes no dia-a-dia. A existência ou não da criatividade dependia assim da variabilidade da resposta de cada um ao mesmo processo cognitivo (Bink e Marsh, 2000: 59-62): para uns diminui, para outros mantém-se e para outros irá desenvolver-se ou até aparecer pela primeira vez. “A certain number of older individuals work around barriers to creativity, others cannot, while some require help” (Lindauer, 2003: 21).

Tal como na juventude, a criatividade na idade avançada não é um dado adquirido, mas a idade também não constitui um impedimento. Neste sentido, o modelo de continuidade é o que contém em si mais hipóteses de valorização do ser humano, em todas as suas características pessoais e em todas as fases da vida, bem

²⁸ Desde Homero, que a literatura está repleta de referências à manifestação de musas inspiradoras e cujo parentesco era muitas vezes associado à divindade da “memória”.

como o que se pode constituir como importante alternativa ao simples abandono à decadência.

A arte e a criatividade²⁹ são conceitos cujas fronteiras se trespassam. “Only in the arts are the criteria for creativity unquestionable; only in the arts is it possible to assume that an outstanding person is, by definition, a creative one (...) no one, for example, would question Shakespeare’s or Beethoven’s creativity”, dizem A. Rothenburg e B. Greenberg na sua obra *The index of scientific writings on creativity*, de 1974 (Lindauer, 2003: 23). Parece não haver dúvidas, e muito mais do que noutras áreas como a da ciência, a da tecnologia, a da gestão ou da política, a arte é por excelência a face visível da criatividade. Os artistas, esses são também considerados exemplos vivos desse comportamento, na forma como transmitem valores pessoais, reduzem ideias abstractas a imagens concretas, como revelam conflitos e as complexidades da vida, como sugerem soluções ou antecipam mudanças de paradigmas. Muito embora a arte possa ser essa face mais visível da criatividade, ela existe, ou pode existir, em todos os campos da existência humana. De notar que, hoje em dia, é a própria arte contemporânea a chamar a atenção para o quotidiano e para o potencial criativo dos pequenos detalhes do nosso dia-a-dia.

De relevância para o estudo da criatividade têm sido as inúmeras pesquisas feitas sobre a genialidade³⁰. Francis Galton, em meados do século XIX, é responsável pelo primeiro grande estudo científico, fruto de uma recolha exaustiva de dados sobre a vida (mais do que sobre a obras) de personalidades de mérito reconhecido, em variadíssimas áreas. Embora a sua questão central se prendesse com a hereditariedade dessa forma extrema de criatividade, o certo é que as conclusões a que chegou são relevantes não só para o próprio estudo da actividade criativa como para a sua ocorrência na idade maior. “I am surprised to find how large a proportion of the *Men of the Time* are past middle age. It appears that in the cases of high (...) merit, a man must outlive the age of fifty” (Galton, 1892:8). Este e outros estudos revelaram ainda

²⁹ Creativity is the ability to produce something new through imaginative skill, whether a new solution to a problem, a new method or device, or a new artistic object or form.
Encyclopaedia Britannica – [<http://www.britannica.com>] Consulta realizada em 4 de Agosto de 2010.

³⁰ Uma das definições de genialidade foi formulada por F. W. H. Myers, no seu livro *Human Personality and its Survival of Bodily Death*, de 1903: “Genius should be regarded as a power of utilising a wider range than other men can utilise of faculties in some degree innate in all; a power of appropriating the results of subliminal mentation to subserve the supraliminal stream of thought; so that an ‘inspiration of genius’ will be in truth a subliminal up-rush, an emergence into the current of ideas which the man is consciously manipulating of other ideas which he has not consciously originated but which have shaped themselves beyond his will, in profounder regions of his being” (Albert, 1992: 42).

a directa correspondência da genialidade com a inteligência, com a saúde física e mental³¹, com a versatilidade e, talvez a mais surpreendente de todas, com a longevidade (Lindauer, 2003: 71).

Outros estudos³² também vieram evidenciar a relação directa da criatividade na idade maior com as práticas criativas exercidas ao longo da vida, concluindo que, na maioria dos casos, o despontar (ou o desenvolvimento) da criatividade nessas idades espelhava uma infância especialmente dotada e uma idade adulta que tinha privilegiado comportamentos de aquisição cultural, o exercício da imaginação, do pensamento abstracto e do científico, do domínio da palavra, do corpo, de uma técnica artística ou outros talentos intelectuais. Curiosamente, eram também esses indivíduos que conseguiam manter, durante mais tempo, uma melhor condição física e psicológica.

A constatação da existência de versatilidade também veio derrubar a ideia feita do génio especialista num só assunto. De facto, todos os casos demonstravam precisamente o contrário – a atenção era dirigida a uma quantidade de interesses paralelos e até divergentes ao da actividade principal, e utilizados num processo transversal de criatividade, ao longo de toda a vida (Lindauer, 2003: 75).

Mas tanto o envelhecimento como a criatividade, nas suas múltiplas possibilidades, são assuntos demasiado complexos para se reduzirem unicamente a duas opções antagónicas – o modelo de continuidade e o do declínio. De facto, se à partida o modelo do declínio, parecendo ser uma evidência, conta com numerosas excepções, também os estudos que vêm dar razão ao modelo de continuidade, apesar da sua perspectiva positiva, não são aplicáveis a todos os seres humanos. Muitos autores optam, assim, por modelos multidimensionais, onde as duas teorias, apesar de contraditórias, podem coexistir, mas onde é essencial que se entre em linha de conta com outros factores, como os provenientes da própria natureza da criatividade, que nunca se revela num processo contínuo e linear, qualquer que seja a idade da pessoa. “Different manifestations of creativity may have different sources, end-products, and

³¹ Uma das grandes ideias feitas sobre a genialidade diz respeito à sua relação directa com a doença mental e mesmo com a loucura. Basta lembrar como Galileu Galilei, Charles Darwin, Louis Pasteur, Cristóvão Colombo foram considerados quando expuseram as suas teorias. Curiosamente, este estudo vem afirmar o contrário, insistindo na prevalência da saúde mental.

³² Referimo-nos ao estudo longitudinal e prospectivo (levado a cabo entre 1925 e 1959), liderado por Lewis Madison Terman (1877-1956), psicólogo americano, e descrito na sua obra *Genetic Studies of Genius*.

peaks, and take irregular directions, none of which are consistently described by continuity or decline” (Lindauer, 2003: 80).

Assim, o estudo da criatividade não pode ser senão um estudo transversal a muitas disciplinas, sejam elas do campo científico como a psicologia e a gerontologia, sejam do campo artístico ou das humanidades.

O estilo tardio

The quality of time alters then, like a change in the light, because the present is so thoroughly shadowed by other seasons: the revive or receding past, the newly unmeasurable future, the unimaginable time beyond time.

Michael Wood³³

A definição e caracterização de um estilo tardio, ou próprio da idade avançada, tem sido uma preocupação de muitos teóricos e críticos de arte, desde há quase um século, quanto o termo “Altersstil”³⁴ foi introduzido por Brinkmann, em 1925³⁵. De facto, não há dúvidas quanto à possibilidade da criatividade se estender até à idade avançada, tantos são os exemplos de obras realizadas por artistas e autores nos seus anos de velhice. As dúvidas, essas subsistem quanto à existência de um estilo próprio, à incidência com que ocorre, à forma como se pode caracterizar, ou na identificação dessas obras. Mesmo assim, muitos autores são de opinião de que esse estilo tardio é uma realidade, manifestando-se não só nas artes como também nas ciências ou em qualquer campo da actividade humana.

Esta constatação de um estilo tardio, com todas as suas polémicas e incongruências vem, no entanto, dar força à possibilidade de nessa idade ser possível começar ou recomeçar, reforçar ou redireccionar a actividade criativa, sendo assim mais uma achega ao estudo do envelhecimento bem sucedido.

As grandes pesquisas têm incidido fundamentalmente sobre as artes visuais (pintura), literatura e música, sendo que quase todas apontam como características comuns às obras estudadas, as mudanças repentinas na utilização da técnica e na forma de composição, a alteração do “assunto” artístico e do envolvimento emocional. Mas a maioria das vezes, os autores divergem quanto ao que pode, verdadeiramente, ser um estilo tardio.

³³ WOOD, Michael, “Introdução”, in SAID, Edward W. (2006), *On late style*, Nova Iorque, Pantheon Books, p.xi.

³⁴ “Altersstil” que aqui traduzimos por “estilo tardio” refere-se ao estilo dos últimos trabalhos de um artista que alcançou uma longevidade considerável. Por sua vez, o termo “Spätstil” refere-se ao estilo das obras de alguns artistas antes da morte, mesmo que estes não tenham chegado à velhice, como é o caso de Beethoven ou Shakespeare.

³⁵ Referimo-nos a *Spatwerke grosser meister*, 1925.

Desde logo, “estilo” não é fácil de definir sendo muitas vezes necessário recorrer à intuição para captar as características complexas e inerentes a múltiplos trabalhos de um autor, ao longo da sua vida. “(...) style is, above all, a system of forms with a quality and a meaningful expression through which the personality of the artist and the broad outlook of a group are visible” (Schapiro, 1953).

Outro assunto sensível refere-se ao significado do termo tardio. O termo refere-se a que idade? Engloba só os artistas que chegam à velhice ou, de igual modo, os que têm uma vida curta como Mozart, Pollock ou van Gogh? Sabendo nós que o “relógio criativo” (como lhe chamou Lindauer) não é igual para todos, será aceitável incluir os artistas que só se revelam numa idade avançada ou, pelo contrário, devem considerar-se unicamente os que mantiveram uma actividade criativa ao longo de toda a vida e que contam com trabalhos de juventude, de idade adulta e de idade avançada? De qualquer forma, julgamos que o termo tardio não deve aqui ser considerado como significando “fora do tempo” ou “para além do que seria esperado”. A propósito disso, Michael Wood diz-nos que “mesmo as Primaveras ou as florações tardias estão sempre perfeitamente pontuais, não obedecendo senão aos seus próprios calendários” (Said, 2006: xi).

A estas questões, os teóricos respondem mais uma vez de variadíssimas formas e, dada a dificuldade de um estudo exaustivo de comparação entre os vários campos artísticos, os estudos têm incidido, quase sempre, sobre apenas alguns criadores que se tornaram, por assim dizer, protótipos do estilo tardio e dos quais damos apenas alguns exemplos: Cézanne, Goya, Michelangelo, Rembrandt e Tiziano na pintura; Sófocles, Eurípedes, Tolstoy, Goethe, Cervantes, Ibsen, Beckett, na literatura, Beethoven, Britten, Verdi, Wagner, Schoenberg, R. Strauss, na música.

Num artigo do *Journal of Aging Studies* de 1989, Cohen-Shalev afirma que os resultados das pesquisas confirmam que as realizações artísticas não estão directamente relacionadas com a idade, e que a assumpção da diminuição da produtividade artística e criativa na idade avançada, provocada pela deterioração biológica, senilidade, fadiga, falta de motivação, ausência de originalidade, está baseada em ideias feitas *a priori*. Avança ainda que o estilo tardio se pode descortinar através das temáticas e características comuns, presentes com uma regularidade significativa nos trabalhos criativos realizados por artistas maiores, do passado e do presente (Cohen-Shalev, 1989).

Sem querermos ser exaustivos, e no sentido de nos apercebermos das características mais presentes nas obras tardias e da sua transversalidade pelas diferentes áreas artísticas, fizemos uma recolha das opiniões formuladas por diversos autores, que apresentamos no Anexo II. Estes estudos foram todos realizados *a posteriori*, nalguns casos centenas de anos depois da criação das obras a que dizem respeito, e incidiram sobre uma obra ou um conjunto de obras de um determinado período, de um mesmo criador ou de um número reduzido de criadores. A grande maioria diz respeito à pintura e escultura e logo depois à literatura e à música.

Muito embora estas características digam respeito às obras (muito particulares) de autores consagrados, e nem todas as opiniões coincidam, parece-nos que as que mais perpassam na análise destes teóricos são: a liberdade perante os constrangimentos da técnica, uma forte ênfase na intuição em detrimento da razão e a necessidade de expressão dos sentimentos mais profundos.³⁶

Por princípio, os criativos sempre tiveram que lutar contra o *status quo*, contra o que está estabelecido nos seus campos de acção. Com a idade, alguns desses artistas tornam-se mais conservadores enquanto outros adquirem um espírito mais livre e tolerante, propício a abraçar ideias ou causas “progressistas”.

Quer a criatividade se revele serena e em paz, como no caso de Bach ou Matisse, ou desarmónica e em tensão emocional, como em Beethoven e Beckett, o certo é que esse estilo tardio é, como diz Edward Said, “fully conscious, full of memory, and also very (even preternaturally) aware of the present” (Said, 2006: 14).

Muito mais importante que uma definição adequada de estilo tardio ou mesmo da existência real de um estilo que chega com o envelhecimento, estes exemplos são demonstrações extraordinárias de que é possível produzir criativamente numa idade maior e, sendo assim, são, naturalmente, encorajadores de uma atitude positiva perante o envelhecimento, quer ele seja percepcionado pessoal ou colectivamente.

³⁶ Munsterberg descreveu a *Rondanini Pietà* de Michelangelo como o “ultimate statement on the part of the aged genius similar to Beethoven’s late quartets or Shakespeare’s last plays, in which the aged artist transcends artistic conventions and gives expression to his most profound and personal sentiments” (McMullen, 2007: 261).

CAPÍTULO III

Companhia Maior

Gostava de tornar a sentir o ‘bichinho’ do palco.

Carlos Nery, membro da Companhia Maior³⁷

A ideia de um projecto artístico/criativo que envolvesse pessoas de idade maior, surgiu no final de 2007, no âmbito da programação cultural do Centro Cultural de Belém. O desenvolvimento do projecto demorou dois anos, o tempo necessário para sentirmos que tínhamos encontrado, senão as respostas a múltiplas perguntas que, desde logo, surgiram, pelo menos uma direcção que poderíamos ir seguindo e descobrindo.

As perguntas eram fáceis de formular, as respostas já não tanto. Porquê?, como?, com quem?, em que contexto?, foram as nossas questões de partida e que, agora, aqui regressam a este trabalho, num esforço não só de sistematização da experiência adquirida, mas também como um exercício de memória, que nos ajude a fixar as boas práticas do passado e a descobrir novos desenvolvimentos das respostas.

Soubemos, desde o início, que as soluções para estas perguntas nunca seriam definitivas e que a experiência “de terreno” seria fundamental a uma correcta adequação do projecto. Continuamos, hoje, à procura desses caminhos, e este trabalho é, também, prova disso.³⁸

³⁷ Em carta de motivação de Carlos Nery (76 anos), para ingresso no primeiro ateliê da Companhia Maior.

³⁸ “A investigação-acção orienta-se para o aperfeiçoamento mediante a mudança e para a aprendizagem a partir das consequências das mudanças: é participativa; segue uma espiral de ciclos de planificação, acção, observação e reflexão; é um processo sistemático de aprendizagem orientado para a praxis; exige que esta se submeta a prova e permite dar uma justificação conclusiva do trabalho (...), mediante uma argumentação desenvolvida, comprovada e criticamente examinada” (Trilla, 1997/8: 111).

PORQUÊ?

Quando primeiro nos colocámos esta pergunta, soubemos responder-lhe intuitivamente: porque queríamos aproveitar o potencial criativo e interpretativo de artistas maiores. Até hoje, esta continua a ser a resposta que privilegiamos, para este projecto específico, muito embora tenhamos encontrado respostas complementares, que vieram ajudar a enriquecê-lo.

De facto, o desejo de constituir uma companhia de artistas com mais de 60 anos, provenientes de todas as áreas artísticas, tinha só esse aproveitamento criativo em mente. Antes de mais, a Companhia Maior é um projecto artístico.

*A Companhia Maior assume-se como um projecto artístico contemporâneo, onde a experiência se funde com a experimentação, na convicção de que um artista não pode dizer ‘no meu tempo’, porque um artista – independentemente da sua idade – é sempre ‘de agora’.*³⁹

Como vimos no Capítulo anterior, segundo Bink e Marsh, “a existência ou não da criatividade depende da variabilidade da resposta de cada um ao mesmo processo cognitivo”, qualquer que seja a sua idade (Bink e Marsh, 2000: 59-62). Por outro lado, na análise de um possível estilo tardio, se bem que não possamos afirmar que a sua presença é uma constante ou que as suas características sejam reconhecíveis e mensuráveis academicamente, o certo é que ela nos traz exemplos do que é possível produzir criativamente em idades avançadas.

Laurence Olivier⁴⁰, Merce Cunningham⁴¹, Vladimir Horowitz⁴² são, talvez, nomes de que nos lembramos quando pensamos na longevidade de um artista ligado às artes performativas⁴³. É nesta área que a Companhia Maior pretende intervir, não

³⁹ Excerto do texto de apresentação do dossier da Companhia Maior - ANEXO I.

⁴⁰ Laurence Olivier (1907-1989), foi um dos mais carismáticos actores ingleses do séc. XX, destacando-se pelas suas interpretações das peças de Shakespeare, tanto no teatro como no cinema. Morreu aos 82 anos, ano em que ainda filmou *War Requiem*.

⁴¹ Merce Cunningham (1919-2009), coreógrafo e bailarino norte-americano teve uma influência decisiva na criação coreográfica contemporânea, abrindo caminho para a “nova-dança” e o pós-modernismo. Dançou, coreografou e deu aulas durante toda a sua vida.

⁴² Vladimir Horowitz (1903-1989), nasceu em Kiev e é considerado um dos mais brilhantes pianistas de todos os tempos. Gravou ao vivo e em estúdio até ao ano da sua morte, aos 86 anos.

⁴³ Talvez pelo carácter efêmero inerente às artes performativas, são quase inexistentes os estudos relacionados com o envelhecimento dos artistas/intérpretes. Os que existem, dizem respeito à

só proporcionando espaço a essa criatividade, como legitimando-a, deslocando o que poderia parecer “de um tempo passado” para o contexto dos paradigmas da criação contemporânea.

*Não se trata de resgatar artistas cujo tempo já passou. Trata-se de resgatar a criação performativa contemporânea através da inclusão e da memória. Trata-se de uma convicção de que as artes do palco precisam deste espaço onde artistas mais velhos podem mostrar-se como artistas de hoje.*⁴⁴

Mas isto não quer dizer que recusemos toda uma faceta social, e mesmo de comunicação de uma determinada maneira de olhar para o envelhecimento, que, necessariamente, está implícita no projecto. Muito pelo contrário:

*Sabemos também que, para lá do discurso artístico de cada espectáculo que será criado, há um sinal claro que, com este projecto, as artes estão a dar aos diversos sectores da sociedade portuguesa no que toca à dignificação e intervenção activa de toda uma faixa etária. Estamos convictos que, não sendo outra coisa que um projecto de criação artística, a Companhia Maior pode ser um símbolo de uma mudança mais profunda e abrangente na sociedade.*⁴⁵

É aqui que a arte pode dar um valioso contributo, posicionando-se (como quase sempre o faz) na fila da frente da tomada de consciência e na chamada de atenção⁴⁶, para as potencialidades da idade maior e mostrando que só quando esta fase da vida for olhada não como um problema, mas como parte da solução, é que poderemos dizer que vivemos numa sociedade madura, que respeita todas as dimensões da pessoa humana. “Uma sociedade não é madura apenas porque envelhece, mas sê-lo-á quando souber cuidar dos mais velhos com o respeito que lhes devemos” (Mota, 2009: 18).

Em 2001, a National Endowment for the Arts⁴⁷ numa parceria com a George Washington University, realizou um estudo sob direcção de Gene D. Cohen. Este

manutenção das condições físicas dos bailarinos, músicos e actores, e surgem, quase sempre, na sequência de problemas com uma incorrecta utilização da técnica.

⁴⁴ Excerto do texto de apresentação do dossier da Companhia Maior – ANEXO I.

⁴⁵ *Ibidem*.

⁴⁶ A actividade artística comprometida tem “(...) a intenção de influir na realidade. Por isso, tem de se transformar numa actividade crítica, desmascaradora da mesma realidade, assim como denunciar as hipóteses anteriores que impedem possíveis mudanças. (...) tem o papel de mostrar horizontes, de iluminar caminhos, assim como de explorar vias possíveis e futuras acções” (Trilla, 1997/8: 105).

⁴⁷ A National Endowment for the Arts é uma agência independente dos Estados Unidos da América, vocacionada para apoiar e financiar projectos de relevância artística.

estudo, de características inéditas até aí, teve como objectivo medir o impacto na saúde física e mental e no bem-estar geral de grupos de pessoas com mais de 65 anos, quando integravam programas artísticos, dirigidos por profissionais. Chamado *Creativity and Aging Study, The Impact of Professionally Conduct Cultural Programs On Older Adults*, o estudo teve a colaboração de 300 pessoas, com uma média de idades de 80 anos, metade das quais fazia parte do “grupo de intervenção”, que participava nos programas artísticos e outra metade ao “grupo de controlo” que mantinha as suas actividades habituais, sem acesso aos referidos programas. Na conclusão do estudo, em 2006, foi elaborado um relatório que nos dá conta dos resultados:

Results reveal strikingly positive differences in the intervention group (those involved in intensive participatory art programs) as compared to a control group not involved in intensive cultural programs. Compared to the control group, those involved in the weekly participatory art programs, at the one and two year follow-up assessments, reported: (A) better health, fewer doctor visits, and less medication usage; (B) more positive responses on the mental health measures; (C) more involvement in overall activities (Cohen, 2006).

As conclusões apontavam, assim, para resultados muito positivos na promoção da saúde e na prevenção de doenças do grupo de intervenção, revelando, igualmente o impacto na manutenção da independência e uma redução dos factores de risco que são, normalmente, conducentes à necessidade de cuidados permanentes.

Este estudo baseou-se em dois grandes conceitos de pesquisa gerontológica: o da “sensação de controlo” que refere os resultados positivos para a saúde que advêm da sensação do “saber fazer”, e o da “interacção social” significativa, com resultados, igualmente, positivos (Cohen, 2006).

É também com esta perspectiva em mente, que a Companhia Maior quer desenvolver a sua actividade, na certeza que o desenvolvimento de capacidades através dos ateliês, dos ensaios e espectáculos, confere aos seus membros, uma sensação de controlo, permanentemente renovada. De igual modo toda a actividade requer uma ampla participação e relação inter-pessoal, não só entre os seus membros como também, naquilo que é uma das facetas mais importantes do projecto, no contacto inter-geracional dos artistas/intérpretes com criadores de outras gerações, que serão chamados a colaborar com a Companhia.

The significance of the art programs is that they foster sustained involvement because of their beauty and productivity. They keep the participants involved week after week, compounding positive effects being achieved. Many general activities and physical exercises do not have this high engaging, thereby sustaining quality (Cohen, 2006).

COMO? COM QUEM?

A ideia para um novo projecto artístico surge, normalmente, através do contacto com um outro projecto já existente, que lhe serve de paradigma. Também aqui, a Companhia Maior não foi excepção. Em 2005, conhecemos de perto a Company of Elders, sediada em Londres e agregada ao Sadler's Wells Theatre⁴⁸.

Esta companhia de dança tem hoje dez anos de experiência e conta com 25 membros, entre os 61 e os 87 anos. Sendo um projecto do Sadler's Wells Community and Education Department, dá resposta ao compromisso do teatro perante a comunidade local, de tornar a dança acessível a qualquer idade. Funcionando como um clube, onde os seus membros se reúnem semanalmente, tem trabalhado com os melhores coreógrafos da actualidade como Wayne McGregor, Chris Tudor⁴⁹ e mesmo com a coreógrafa portuguesa, Clara Andermatt. Para além de uma temporada anual no próprio teatro, apresenta-se regularmente em festivais e digressões em Inglaterra e no estrangeiro.

O exemplo de boas-práticas da Company of Elders foi da maior importância para o nosso projecto, porque não só ficámos a conhecer o seu funcionamento interno e a forma como se organizava, como assistimos ao seu resultado, através do espectáculo. Aqui cumpriam-se, também, as palavras que António Mega Ferreira veio a formular, mais tarde, a propósito da Companhia Maior:

⁴⁸ Este contacto deu-se por altura da programação do seu espectáculo *Natural*, da autoria de Clara Andermatt, que integrou a programação cultural da Faro Capital Nacional da Cultura – 2005, e pela qual fomos responsáveis da área da dança.

⁴⁹ “For Chris Tudor, perfecting the performance in just eight weeks was a huge challenge. ‘Before I met the troupe I wasn’t sure what we would be able to achieve,’ he says. ‘I did wonder if it would all be shuffling along in slippers. But what an eye-opener they were.’ (...) [he] believes that older dancers bring a wealth of emotion and experience to contemporary dance that is missing in younger dancers whose strong point is often little more than youthful looks and lithe bodies.”
The dancing OAPs who suffer for their art in Daily Telegraph e Sunday Telegraph, Olga Craig, 21 de Junho de 2009.

[<http://www.telegraph.co.uk/culture/theatre/dance/5587895/The-dancing-OAPs-who-suffer-for-their-art.html>] Consulta realizada em 18 de Agosto de 2010.

*Não é só porque nos aproximamos da idade maior que nos chega esta vontade de transformar experiências longas e ricas de vida em novas formas de expressão artística. Não é só – mas também.*⁵⁰

Conscientes de que este exemplo da Company of Elders serviria só como ponto de partida e não seria “copiável”, aliás, como qualquer outro projecto artístico, toda a organização interna do projecto deveria ser adequada à nossa realidade.

A formalização em associação cultural sem fins lucrativos⁵¹ foi o primeiro passo na concretização oficial da Companhia Maior, o que veio a acontecer em Maio de 2010. Para os seus órgãos sociais convidámos pessoas que já estavam, de alguma forma, envolvidas no projecto, quer fosse na concepção do seu conceito teórico de origem, quer fosse na sua organização prática e de produção.

A missão da associação ficou, então, assim descrita:

A Companhia Maior, Associação Cultural, é um projecto artístico cuja missão consiste na promoção da criatividade na idade maior (acima dos 60 anos), em permanente contacto entre gerações e num contexto interdisciplinar da criação contemporânea, designadamente através da produção e apresentação de espectáculos e a realização de actividades de formação (ateliês, seminários, residências).

Logo desde o início da ideia da Companhia, que sentimos a necessidade de nos rodearmos de pessoas que, efectivamente, nos ajudassem a reflectir sobre esta temática, que nos ajudassem a comunicá-la e pudessem ter um papel activo na direcção e no futuro do projecto. Nesse sentido, e para além da constituição da associação, fomos buscar o exemplo dos *boards* das companhias artísticas inglesas e norte-americanas, que tradicionalmente contam com a participação da sociedade civil, na vida das instituições. Constitui-se, assim, um Conselho Consultivo que é presidido pelo Professor Daniel Sampaio e conta ainda com as presenças do Dr. Mega Ferreira (em representação da Fundação Centro Cultural de Belém), do Professor Eduardo

⁵⁰ Excerto do texto de António Mega Ferreira, membro do Conselho Consultivo da Companhia Maior. Dossier da Companhia Maior – ANEXO I.

⁵¹ *Companhia Maior, Associação Cultural*, é o nome de registo da Companhia.

Marçal Grilo, da Professora Maria José Fazenda e do escritor e dramaturgo Jacinto Lucas Pires.⁵²

*Integrando a Companhia Maior existirá um Conselho Consultivo, cuja função será a de assegurar uma discussão contínua sobre o funcionamento da companhia, a sua missão artística e o seu impacto, que transborda claramente as fronteiras estritas da criação artística. (...) um grupo abrangente de personalidades da sociedade civil portuguesa que é também garante de comunicação dum discurso sólido acerca deste projecto junto do público, comunicação social e instituições.*⁵³

Desde a sua constituição, que a presença do Conselho Consultivo se tem revelado fundamental em várias áreas de funcionamento da Companhia Maior. Desde logo por altura da apresentação do projecto à imprensa, a 20 do passado mês de Maio, nas apresentações públicas dos ateliês, no planeamento das actividades e na sustentabilidade financeira do projecto, através da angariação de apoios e mecenato.

Apesar de a sustentabilidade financeira do projecto ser uma das grandes preocupações do projecto, podemos, neste momento, contar com o financiamento do Centro Cultural de Belém para as produções dos próximos dois anos, com um mecenas que apoiará a digressão nacional de 2010/11 e com outros pequenos apoios pontuais.⁵⁴

A Companhia Maior é constituída por um grupo de 16 artistas (maiores de 60 anos), cuja actividade será desenvolvida, anualmente, em três fases diferentes: ateliês, ensaios/criação e espectáculos/digressão.

Os ateliês, desenhados com vista ao desenvolvimento das capacidades artísticas, criativas e técnicas dos artistas, têm uma regularidade mensal com uma duração média de 10 dias e constituirão a actividade da Companhia, fora dos períodos de ensaios e espectáculos. O primeiro ateliê que se realizou no passado mês de Março, serviu também como “audição” e selecção dos artistas, que hoje constituem o grupo. Conscientes da necessidade da avaliação contínua do projecto e da permanente auscultação dos intervenientes, foram solicitadas cartas de motivação a cada um dos elementos participantes deste primeiro ateliê. Estas cartas constituem, hoje,

⁵² Tanto os membros dos órgãos sociais da associação, como os membros do Conselho Consultivo da Companhia Maior, exercem os seus cargos em regime de voluntariado. Todo o trabalho artístico, criativo e técnico é remunerado.

⁵³ Excerto do texto de apresentação do dossier da Companhia Maior – ANEXO I.

⁵⁴ Neste momento, o projecto não é financiado pela DGArtes.

importantes documentos de reflexão e contribuíram, desde logo, para a definição das actividades regulares do projecto – os ateliês mensais.

Ateliês já realizados (2010):

Março – Improvisação teatral – direcção: Tiago Rodrigues

Abril – Dramaturgia – direcção: Jacinto Lucas Pires

Maio – Música – direcção: João Lucas

Jun/Jul – Dança – direcção: Clara Andermatt

A direcção artística da produção/espectáculo anual da Companhia Maior deverá recair, todos os anos, sobre um coreógrafo/encenador diferente. Caberá a esse director artístico a escolha da restante equipa criativa necessária à sua realização (cenografia, desenho luz, dramaturgia, música, figurinos, etc.), bem como a selecção dos intérpretes que serão escolhidos, maioritariamente, entre os elementos do grupo referido anteriormente.

Em 2010, a estreia da primeira produção da Companhia Maior realiza-se no final do mês de Outubro, no Centro Cultural de Belém e terá a direcção artística do encenador e dramaturgo Tiago Rodrigues. Durante os meses de Setembro e Outubro, realizar-se-ão os ensaios da peça, momento fulcral do trabalho criativo realizado a partir dos testemunhos e experiências dos intérpretes, onde este lhes é devolvido e transformado em material cénico, e sobre o qual terão que interligar as diversas disciplinas (música, dança, teatro).

*Um dos grandes desafios deste projecto, que apenas agora tem o seu início com a criação de Bela Adormecida, é o de propor uma outra criação artística contemporânea onde haja lugar para a memória e experiência. (...) A Bela Adormecida contém, enquanto fábula e enquanto obra canónica para as artes do palco durante o último século, diversos elementos que nos remetem para esta reflexão acerca da passagem do tempo. Bela Adormecida é um terreno fértil para um espectáculo que pensa o próprio conceito que levou à criação desta companhia. É possível acordar num tempo que não é o seu e torná-lo seu?, pergunta-nos esta ficção. Será sequer possível que o presente seja pertença de alguém? E que lugar reserva o mundo para aqueles por quem passou um século de sono, enfeitiçados, e que agora acordam no futuro?*⁵⁵

⁵⁵ Excerto do texto, *O espectáculo como contemporaneidade pela via da memória*, de Tiago Rodrigues, encenador do espectáculo fundador da Companhia Maior. Dossier da Companhia Maior – ANEXO I.

Se fosse necessário encontrar um paradigma para este primeiro espectáculo da Companhia Maior, certamente que recairia sobre *Kontakthof, mit Damen und Herren ab '65'*, de Pina Bausch. Esta obra estreada em 1978, com um elenco de 27 artistas, todos com mais de 65 anos, é uma das mais icónicas desta coreógrafa. Num cenário que faz lembrar um clube de província, esta peça vive das idiossincrasias dos seus intérpretes, que há décadas a revisitam. Depois de dezenas de récitas por todo o mundo, a perplexidade do público perante o espectáculo, continua a fazer-se sentir, ainda hoje, como prova este excerto de um artigo do *Guardian*, de Abril de 2010:

*In contrast to the smooth-faced beauty of youth, these mature men and women – all amateurs, all living locally to the Bausch company in Wuppertal – look extravagantly diverse. (...) Most moving, though, is the chemistry the dancers create with us. Watching this senior cast, we're not only moved by their discipline and courage, but also by the lives they bring with them. How did this gauntly dapper man, this neat, librarian-coiffed woman come to be on stage? Bausch's genius was always for revealing the individuality of her performers, but in this staging of Kontakthof, it acquires a new and infinitely tender twist.*⁵⁶

Mas não é só este olhar exterior sobre *Kontakthof* que importa referir e o relato na primeira pessoa, de um dos seus artistas, Karlheinz Buchwald, é elucidativo não só do processo de aprendizagem, como do resultado pessoal dessa experiência:

Soon I realised that what I saw and what my brain was ready to assimilate were two different things. Learning it and repeating it, near to impossible. If I tried concentrating on getting my arm right, then my feet went wrong. Add a smile or a laugh while doing the step, then everything began to go wrong. My brain, proved forgetful, too slow to pick up, no connection between head and body. (...) In the beginning we would rehearse twice a week, then four times and shortly before the premiere, every day. Same thing over and over again: placing, run through, transition, entering and exiting, till everyone understood how important discipline and precision were. (...) it proved an extremely, interesting, lovely, rewarding adventure (...). (Buchwald, 2007: 30-35)

⁵⁶ *Kontakthof, Barbican, London, in Guardian*, Judith Mackrell, 2 Abril de 2010. [<http://www.guardian.co.uk/stage/2010/apr/02/kontakthof-review>] Consulta realizada em 30 de Julho de 2010.

Em torno da produção do espectáculo anual da Companhia Maior, está pensado um projecto “satélite”, que se pretende seja um olhar exterior sobre o trabalho da companhia e que tanto poderá ser de carácter artístico, como científico/académico. Para o primeiro projecto foi convidada a realizadora Cláudia Varejão, e prevê-se que o de 2011 seja no âmbito da antropologia.

No projecto da Companhia Maior a interacção entre gerações dá-se, fundamentalmente, no plano artístico/criativo através dos encenadores, coreógrafos e todo um conjunto de monitores dos ateliês, que serão chamados a trabalhar com os artistas/criadores da companhia. É, então, através da arte e da criatividade, no trabalho contínuo dos ateliês e no processo de criação da produção do espectáculo, que se produzirá a interacção entre as várias gerações dos criadores convidados e os intérpretes da Companhia Maior.

Na concretização do projecto, distinguimos, assim, três tipos de beneficiários finais:

- 1) Os intérpretes/criadores de idade maior (com mais de 60 anos) e que são o foco principal deste projecto. Provenientes das várias vertentes artísticas: teatro, dança, música e cinema, participam nas acções de formação mensais (com uma duração média de 10 dias cada), na concepção e realização do espectáculo anual e na digressão nacional e internacional. Participam ainda, durante a digressão, em actividades complementares ao espectáculo, como conversas e debates, acções de formação e sensibilização;
- 2) Os criadores de diferentes gerações, que serão chamados a trabalhar com a Companhia Maior, tanto na produção anual como nos ateliês mensais;
- 3) O público, na convicção do potencial desta faixa etária de artistas e no valor e originalidade artístico/criativo do projecto.

A produção executiva da Companhia Maior é, neste momento, da responsabilidade da produtora *Mundo Perfeito*, que tem também a seu cargo a formação de um jovem produtor, que passará a desempenhar essas funções a partir da próxima temporada. Para além deste posto de trabalho a tempo inteiro, há ainda a necessidade da contratação pontual de um director técnico, um director de cena e de um assistente de digressão.

EM QUE CONTEXTO?

O projecto da Companhia Maior, apesar de ter sido concebido no âmbito da programação do Centro Cultural de Belém e de contar com a sua participação financeira e logística (companhia em residência) para a realização do primeiro espectáculo em Outubro de 2010, e a co-produção para o ano de 2011, é um projecto independente, que se constituiu como associação cultural sem fins lucrativos (Companhia Maior, Associação Cultural).

*Pensamos neste projecto como extravasando qualquer personalidade ou instituição. É do CCB que ele nasce, e é também a casa que o pode acolher, mas julgamos que só será ‘maior’ se verdadeiramente nos pertencer a todos.*⁵⁷

A Companhia Maior deseja fazer a ponte entre instituições culturais nacionais, permitindo que diversos teatros sejam parceiros fixos, tanto no plano do acolhimento, como no plano da co-produção de criações da companhia, ajudando a pensar e concretizar o futuro deste projecto.

A adaptação a uma realidade artística e social portuguesa protagonizou umas das fases preparatórias do projecto, na qual reunimos com as direcções artísticas da grande maioria dos teatros municipais e nacionais.

*À medida que fomos auscultando estas opiniões [dos agentes culturais], foi crescendo em nós alguma ansiedade perante as expectativas do projecto. Conhecíamos bem não só as responsabilidades artísticas, como as sociais e éticas que nele estavam implícitas, mas o carácter inédito desta iniciativa exigia de nós o esforço e, mais do que isso, o engenho de a transformar numa experiência tão exemplar quanto possível.*⁵⁸

Estando convictos das francas capacidades de integração do projecto em qualquer programação artística nacional e mesmo internacional, sendo que é, sobretudo, através da itinerância que se cumpre o seu objectivo de dar a conhecer as potencialidades criativas destes artistas.

Nesse sentido, a negociação com diversos teatros do país, encontra-se já numa

⁵⁷ Excerto do texto de Luísa Taveira, membro da direcção da Companhia Maior. Dossier da Companhia Maior – ANEXO I

⁵⁸ *Ibidem.*

fase adiantada, prevendo-se a realização de uma digressão nacional, logo após a estreia de Outubro, no Centro Cultural de Belém. Estima-se que esta digressão se efectue em cerca de 15 cidades portuguesas, de Novembro de 2010 a Fevereiro de 2011, num total de 18 espectáculos. Os teatros de Almada, Montemor-o-Novo, Torres Novas, Bragança, Guimarães, Portimão, Lagos, Faro, Aveiro, Viseu, Guarda, Vila Real, Porto e os das ilhas de S. Miguel e Terceira, são as instituições com as quais estão a decorrer essas negociações e que demonstraram, desde logo, o seu interesse em receber a companhia. Está ainda equacionada uma visita à cidade espanhola de Salamanca, naquela que será a primeira saída internacional da Companhia Maior.

Simultaneamente, esperamos que o projecto, com a acumulação de experiência de terreno, possa prestar aconselhamento na construção de projectos idênticos, às instituições que assim o solicitarem. A Companhia Maior, apesar de ter nascido numa instituição cultural de dimensão nacional podia, de igual forma, desenvolver-se numa instituição cultural municipal ou mesmo de cariz associativo, isto, evidentemente, sem negligenciar as necessárias adaptações às condições e características locais.

Foram definidos os seguintes objectivos para os próximos cinco anos:

- 1) Consolidação e afirmação do projecto artístico, através do aproveitamento do potencial criativo e interpretativo do grupo, em estreita interacção com outras gerações da criação contemporânea;
- 2) Concretização das digressões em território nacional e internacional;
- 3) Constituição de uma rede de mecenas, parceiros institucionais e espaços co-produtores que garantam a continuidade e qualidade do trabalho realizado;
- 4) Aconselhamento sobre a criação de projectos idênticos noutros locais e teatros do país, constituindo-nos como exemplo de boas práticas.

Estes objectivos serão assegurados, em primeiro lugar, através da exigência artística que desejamos vá pautar todas as actividades da Companhia Maior; na angariação de mecenas, parceiros e co-produtores, que garantam a sua realização e continuidade; e na forma como o conceito do projecto e os seus objectos artísticos são transmitidos à sociedade.

Ao mesmo tempo, foi essencial que, para além de uma avaliação contínua, se desenhassem as estratégias de avaliação do projecto e a medição do seu impacto, através dos meios que passamos a descrever:

- 1) Através do Conselho Consultivo da Companhia Maior (cinco elementos da sociedade civil presididos pelo Professor Daniel Sampaio) cuja função será a de assegurar, em conjunto com a direcção, uma discussão contínua sobre o funcionamento da companhia, a sua missão artística e o seu impacto, que transborda claramente as fronteiras estritas da criação artística;
- 2) Através do interesse demonstrado por mecenas, parceiros, co-produtores e instituições artísticas em geral;
- 3) Através da imprensa. Sendo este um projecto artístico, as críticas e a produção de textos sobre a companhia são um importante factor de avaliação do impacto;
- 4) Através do interesse demonstrado por criadores de diferentes gerações em trabalhar com a Companhia Maior;
- 5) Através da adesão do público;
- 6) Se se constituir como exemplo de boas práticas e for solicitada para aconselhamento noutros locais que desejem construir projectos idênticos.

Pensamos que o projecto da Companhia Maior é artístico e socialmente inovador, não só a nível nacional como, dados os poucos casos existentes, também a nível internacional. No primeiro caso pelo potencial artístico/criativo desta faixa etária, ainda tão pouco trabalhado, e no segundo caso porque as questões do envelhecimento são aqui abordadas através de uma prática artística profissional, diferenciando-se assim de outros projectos de âmbito exclusivamente social.

CONCLUSÃO

No percurso da vida, a possibilidade de envelhecer é, na grande maioria dos casos, um benefício acrescido. Mas não é este o sentimento generalizado das nossas sociedades desenvolvidas, onde cada um é instigado a olhar para o seu próprio envelhecimento, quase exclusivamente, como um tempo de perda de capacidades e onde, colectivamente, ainda aceitamos mal a irreversibilidade do envelhecimento populacional.

Se por um lado o aumento da esperança de vida é uma grande conquista da ciência, os números da previsão de envelhecimento demográfico deixam-nos apreensivos: a esperança de vida atinge já os 80 anos num número significativo de países desenvolvidos e as taxas de natalidade apresentam, globalmente, um acentuado decréscimo e uma clara tendência para assim continuarem. Só em Portugal, estima-se que nas próximas duas décadas o número de pessoas com mais de 60 anos aumente cerca de 85%. Hoje, já contamos com 108 pessoas de idade maior para cada 100 jovens, mas em 2050 a proporção será de 243 para cada 100.

O impacto destas alterações irá, seguramente, colocar desafios ao desenvolvimento económico, ao equilíbrio demográfico e à sustentabilidade do nosso actual modelo de segurança social. Culturalmente, conjecturam-se diversos cenários, mas talvez ainda não saibamos, o que realmente significará viver numa sociedade envelhecida.

As questões originadas pelo aumento populacional, sentido no século XX, relegaram para um segundo plano toda uma preparação para o envelhecimento demográfico que, entretanto, já se anunciava. Sendo o envelhecimento um dos grandes temas da humanidade que nos toca a todos, é paradoxal que a percepção desta alteração, pela generalidade das sociedades, continue deficitária e ainda não se olhe para esta fase da vida como um manancial de oportunidades.

De facto, os atributos que hoje mais privilegiamos como a rapidez, a mobilidade, a agilidade, a beleza das formas e a imagem, a agressividade e a competição da vida profissional, o culto do imediato e do instantâneo, uma certa indiferença pela história e pela memória, são por vezes pouco compatíveis com uma

idade maior. Envelhecer é ainda um tabu da nossa sociedade ocidental, que também nos “ensina” a ter medo dessa fase da vida. Como diz Woody Allen “viver muitos anos é maravilhoso, mas envelhecer é de evitar”.

O relacionamento da velhice com a decadência física e mental impede-nos, muitas vezes, de aproveitar as oportunidades que estes anos de vida podem oferecer. Ao mesmo tempo, esta idade é genericamente olhada como uma fase de perda de produtividade, o que resulta no afastamento quase sistemático dos idosos dos principais locais de produção e de decisão. Esta atitude da sociedade, de prescindir da contribuição dos seus membros mais velhos, produz, por sua vez, uma reacção de isolamento (“disengagement”) por parte dos idosos, construindo-se assim um ciclo vicioso, difícil de quebrar. Se a este panorama juntarmos os preconceitos e mitos sobre o envelhecimento percebemos a dificuldade e a demora na alteração de mentalidades sobre esta fase da vida.

É com o aparecimento do “envelhecimento bem sucedido”, na década de sessenta do século passado, e da psicologia positiva, já no limiar deste século, que se começa a abandonar o entendimento unívoco sobre o envelhecimento. O foco transfere-se das perdas para os ganhos, da doença para a saúde, dos impedimentos para as oportunidades e das incapacidades para a aprendizagem de novos talentos.

Trata-se de uma visão positiva sobre o processo de envelhecimento que, sem deixar de aceitar o fenómeno intrínseco à vida humana que ele é e todos os seus constrangimentos, se pode constituir como uma verdadeira ajuda na concretização das mudanças de atitude perante esta fase da vida, quer elas digam respeito às instituições e à sociedade em geral, quer às atitudes de cada um perante o seu próprio envelhecer.

É nesta perspectiva que também a arte pode dar um valioso contributo, posicionando-se (como quase sempre o faz) na fila da frente da tomada de consciência e da chamada de atenção, para as potencialidades da idade maior.

É à criatividade e à expressão artística dessa fase da vida, que o projecto da Companhia Maior se quer dedicar e, de facto, os exemplos de intensa criatividade na idade maior não nos faltam: desde Sófocles a Manoel de Oliveira, eles são inumeráveis.

A teoria formulada por Martin Bink e Richard Marsh, no ano 2000, de que a actividade criativa faz parte integrante do processo cognitivo, e portanto está acessível

a qualquer pessoa, em qualquer idade, vem ao encontro não só do projecto que agora apresentamos, como da ideia de envelhecimento que, através dele, desejamos veicular. Os estudos mostram-nos também que qualidades como a maturidade e a sabedoria, que chegam com estas idades, podem trazer um maior domínio sobre as emoções, uma maior capacidade na superação de perdas, o desinteresse pela ambição e o desejo da liberdade da auto-expressão.

De facto, essa idade pode dar lugar a uma criatividade particular – o estilo tardio – que, sem negar a complexidade do assunto e a sua falta de consenso académico, muitos autores definem como tendo algumas características específicas: uma apetência especial pelo uso da intuição; a redução à essência das formas; a libertação das convenções e dos constrangimentos das normas artísticas e uma profunda necessidade de auto-expressão.

Como diz o autor e crítico alemão Hajo Düchting, “em arte não existe substituto para a longevidade”, querendo com isto dizer que só na experiência da idade avançada é que esse tipo de criatividade se pode manifestar.

A Companhia Maior é, então, um projecto “de terreno”, artístico/criativo, de formação de uma companhia de artistas com mais de 60 anos, provenientes de todas as áreas das artes performativas e em residência no Centro Cultural de Belém.

Sendo um projecto artístico profissional, faceta que queremos privilegiar, consideramos a componente social deste projecto como uma verdadeira mais-valia, não só pelos benefícios que as práticas artista e criativa podem trazer aos directamente envolvidos, os artistas maiores, como também na transmissão de um discurso renovado sobre o envelhecimento, que ajude, à sua medida, na transformação de mentalidades. O relacionamento inter-geracional, fortemente imbuído na estrutura do projecto através da constante troca de experiências artísticas com as gerações mais novas de encenadores, coreógrafos, monitores de ateliês convidados a trabalhar com os membros do grupo é, ainda, uma componente a que queremos dar o maior relevo.

A prática da Companhia Maior compreende uma fase de trabalho interno de ensaios e ateliês e uma outra de realização de espectáculos. É nesta última que se cumprem, verdadeiramente, os objectivos do projecto com a devolução à sociedade de um trabalho artístico e, simultaneamente, com a divulgação de uma nova forma de viver o envelhecimento.

Neste sentido, as digressões nacionais e internacionais são, naturalmente, uma importante parte da actividade anual da Companhia Maior. Enquanto, o Centro Cultural de Belém, como casa de acolhimento do projecto, é o garante quase exclusivo da sua sustentabilidade financeira e ao mesmo tempo lhe confere uma importante reputação do trabalho artístico, é na divulgação do projecto através das instituições culturais espalhadas pelo país, quer elas sejam de dimensão nacional ou municipal, que se pretende desenvolver o trabalho da Companhia.

O projecto da Companhia Maior, através da aquisição de experiência da sua equipa, inclui também o apoio à construção de projectos idênticos noutros locais e a pedido de instituições culturais que demonstrem interesse na adaptação às suas realidades locais, qualquer que seja a sua natureza e dimensão: nacional, municipal ou associativa.

Pensando nas experiências e nas competências acumuladas por um cidadão ao longo da sua vida, podemos facilmente perceber o que se desperdiça quando as excluimos da produção de riqueza e do bem-estar do nosso dia a dia. É de facto incompreensível que seja necessário parar de ser criativo e produtivo antes das circunstâncias da vida nos obrigarem a fazê-lo.

Só quando esta fase da vida for olhada, não como um problema, mas como parte da solução poderemos dizer que vivemos numa sociedade com maturidade, que respeita todas as dimensões da pessoa humana. O século XX preocupou-se, quase exclusivamente, em dar “mais anos à vida”. Acreditamos que o projecto da Companhia Maior, na sua contemporaneidade artística e social pode, à sua maneira e dimensão, dar também “mais vida a esses anos”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERT, Robert S. (1992), *Genius and eminence*.

[<http://books.google.pt>] Consulta realizada em 4 de Agosto de 2010.

BEARON, Lucille B. (1996), *Successful aging: what does the "good life" look like?* *Concepts in Gerontology*, NC State University.

[<http://www.ncsu.edu/ffci/publications/1996/v1-n3-1996-summer/successful-aging.php>] Consulta realizada em 10 Junho de 2010.

BEAUVOIR, Simone de (1970), *La vieillesse*, Paris, Éditions Gallimard.

BERGOUIGNAN, Christophe (2005), *La population de la France: evolutions démographiques depuis 1946*.

[<http://books.google.pt>] Consulta realizada em 18 de Julho de 2010.

BINK, Martin L. e MARSH, Richard L. (2000), *Cognitive regularities in creative activity*, University of Georgia, Review of General Psychology, vol. 4, nº 1, pp. 59-78.

BUCHWALD, Karlheinz (2007), *Kontakthof, with ladies and gentlemen over '65', A piece by Pina Bausch*, Paris, L'Arche Éditeur.

CÍCERO, Marco T. (1998), *Catão-o-Velho ou Da velhice*, Lisboa, Edições Cotovia.

CLARK, Kenneth (1972), *The artist grows old*, Cambridge, Cambridge University Press.

[http://mitpress.mit.edu/journals/pdf/Clark_77_90.pdf] Consulta realizada em 10 Junho de 2010.

COBLEY, Paul (2001), *The routledge companion to semiotics and linguistics*.

[<http://books.google.pt>] Consulta realizada em 18 de Agosto de 2010.

COHEN, Gene D. (2006), *The Creativity and Aging Study The Impact of Professionally Conducted Cultural Programs on Older Adults*. Final Report: April 2006.

[<http://www.nea.gov/resources/accessibility/CnA-Rep4-30-06.pdf>] Consulta realizada em 5 de Agosto de 2010.

COHEN-SHALEV, Amir (1989), *Old age style: Developmental changes in creative production from a life-span perspective*, University of Haifa, Israel, Journal of Aging Studies, vol.3, nº 1, pp. 21-37

[<http://www.sciencedirect.com>] Consulta realizada em 18 de Julho de 2010.

DIAS, Isabel (2005), *Envelhecimento e violência contra idosos*, in Sociologia, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

[<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3731.pdf>] Consulta realizada em 2 de Agosto de 2010.

GALTON, Francis (1892), *Hereditary genius, an inquiry into its laws and consequences*, 2ª edição, Londres, Macmillan & Co.
[<http://galton.org/books/hereditary-genius/text/html/galton-1869-genius.html>] Consulta realizada em 27 de Junho de 2010.

GASPAR, Jorge (2009), *O envelhecimento e a dinâmica demográfica na Europa*, O Tempo da vida, Fórum Gulbenkian de saúde sobre o envelhecimento 2008-2009, Cascais, Princípia.

GOULD, Elizabeth (1999), *Hippocampal neurogenesis in adult old world primates*. Princeton University.
[<http://www.pnas.org/content/96/9/5263.full.pdf+html>] Consulta realizada em 10 Junho de 2010.

HARPER, Sarah (2009), *Uma abordagem às implicações do envelhecimento global*, O Tempo da vida, Fórum Gulbenkian de saúde sobre o envelhecimento 2008-2009, Cascais, Princípia.

INE (2008), Instituto Nacional de Estatística, *Estatísticas demográficas*, 2007.

INE (2009), Instituto Nacional de Estatística, *Estatísticas demográficas*, 2008.

LEVY, Becca e LANGER, Ellen (1999), *Criativity*. Encyclopedia of creativity.
[<http://books.google.pt>] Consulta realizada em 22 de Junho de 2010.

LINDAUER, Martin S. (2003), *Aging, creativity and art: a positive perspective on late-life development*, New York, Kluwer Academic/Plenum Publishers.

MACCRACKEN, Grant (1998), *Plenitude 2.0*.
[www.cultureby.com] Consulta realizada em 4 de Julho de 2010.

MCMULLAN, Gordon (2007), *Shakespeare and the idea of late writing – Authorship in the proximity of death*, Cambridge, Cambridge University Press.

MOTA, Isabel (2009), Discurso abertura, O Tempo da vida, Fórum Gulbenkian de saúde sobre o envelhecimento 2008-2009, Cascais, Princípia.

NAÇÕES UNIDAS (2007) – *World Population Prospects: The 2006 Revision*.
[http://www.un.org/esa/population/publications/wpp2006/WPP2006_Highlights_rev.pdf] Consulta realizada em 5 de Agosto de 2010.

NAZARETH, J. Manuel (2009), *Crescer e envelhecer – Constrangimentos e oportunidades do envelhecimento demográfico*, Lisboa, Editorial Presença.

OZARIN, Lucy (2008), *I.L. Nascher, M.D. (1863-1944): The First American Geriatrician*, History Notes, Psychiatric News.
[<http://pn.psychiatryonline.org>] Consulta realizada em 3 de Agosto de 2010.

PALMORE, Erdman B. (2002), *Successful Aging*. Encyclopedia of Aging.
[<http://www.encyclopedia.com/doc/1G2-3402200395.html>] Consulta realizada em 11 Julho de 2010.

SAID, Edward W. (2006), *On late style*, New York, Pantheon Books.

SCHAPIRO, M (1953). Style. In A.L. Kroeber (Ed.), *Anthropology today*, Chicago, University of Chicago.

[<http://www.questia.com/PM.qst?a=o&docId=3062367>] Consulta realizada em 11 Julho de 2010.

SELIGMAN, Martin e CSIKSZENTMIHALYI Mihaly (2000), *Happiness, excellence, and optimal human functioning*. American Psychologist.

[<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1071226/>] Consulta realizada em 10 Junho de 2010.

SIJUWADE, Philip O. (2009), *Attitudes towards old age: a study of the self-image of aged*, Texas, University of Texas.

[<http://docs.google.com>] Consulta realizada em 4 de Agosto de 2010.

SILVA, Aníbal C. (2009), Discurso de abertura, O Tempo da vida, Fórum Gulbenkian de saúde sobre o envelhecimento 2008-2009, Cascais, Príncipeia.

TAYLOR, Calvin W. e SACKS, Diane (1981), *Facilitating lifetime creative process – a think piece*.

[<http://books.google.pt>] Consulta realizada em 22 Junho de 2010.

TRILLA, Jaume (1997/8), *Animação Sociocultural, Teorias, programas e âmbitos*, Lisboa, Editorial Ariel.

WILSON, Chris (2009), *O envelhecimento no séc. XXI – perspectives demográficas*, O Tempo da vida, Fórum Gulbenkian de saúde sobre o envelhecimento 2008-2009, Cascais, Príncipeia.